

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**NICOLE REYS BILBAO**

**O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO POR ESTUDANTES DO ENSINO  
MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE PERIFERIA NO  
MUNICÍPIO DE OSASCO-SP**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SÃO PAULO**

**2014**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**NICOLE REYS BILBAO**

**O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO POR ESTUDANTES DO ENSINO  
MÉDIO:UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE PERIFERIA NO  
MUNICÍPIO DE OSASCO-SP**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da PUC-SP, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Marisa do Espírito Santo Borin.

Área de Concentração: Sociologia

**SÃO PAULO**

**2014**

Banca Examinadora

---

---

---

**DEDICATÓRIA**

**AOS MEUS FILHOS TOBIAS E JULIA**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, principalmente minha mãe Katya, minha vó Vera, meu Vô Edward, meus irmãos Victor e Igor, ao Tobias, ao Eric, ao meu pai e à Julinha que me apoiaram para que eu conseguisse elaborar a dissertação com tranquilidade.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Marisa do Espírito Santo Borin, pela orientação, pela disposição e preocupação dispensadas a mim durante todo o processo de produção científica.

Aos professores da PUC-SP, que me mostraram caminhos teóricos.

À secretaria do PPGCS, colaborando com a parte burocrática de maneira eficiente.

Ao CNPq pela bolsa de pesquisa, fundamental para a continuidade do meu mestrado.

À Escola Estadual Professor Gastão Ramos, pela abertura e disponibilidade para a realização da pesquisa.

Aos estudantes das terceiras séries do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Gastão Ramos, dos anos de 2013 e 2014, que expuseram os significados que atribuem ao processo educativo.

À avó e às mães que contribuíram para que eu pudesse entender alguns modos pelo qual a educação pode ser apropriada.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo conhecer o sentido da escolarização por alunos do Ensino Médio. Optou-se como metodologia para a análise deste tema o “Estudo de Caso”, tendo sido selecionada uma Escola Pública Estadual Periférica no Município de Osasco, da Região Metropolitana de São Paulo. A pesquisa conta com quatro eixos de análise, que se cruzam ao final com uma síntese analítica. O primeiro passa por considerações gerais sobre o Ensino Médio, procurando caracterizar a legislação referente ao processo educacional do Ensino Médio no Estado de São Paulo. O segundo apresenta o caso da utilização dos instrumentos educacionais na escola selecionada, seu funcionamento, localizando-a no espaço em que se insere. No terceiro eixo é feita uma análise teórica a respeito da influência da família no processo de escolarização, já que a educação de crianças e adolescentes é de sua responsabilidade. O quarto eixo narra a trajetória educacional de famílias, lidando com perspectivas e expectativas quanto ao sentido da escolarização de seus filhos. Por último, o conjunto dos resultados nos mostra alguns caminhos possíveis para a conciliação de situações conflitantes entre as dimensões da educação para o caso estudado. Para tanto, foram realizados levantamentos bibliográficos, análise de conteúdo, observação sistemática, observação participante, entrevistas semiestruturadas, entrevistas em profundidade e entrevistas narrativas, realizadas com alunos, direção da escola, coordenação de curso, professores e com famílias de estudantes.

**Palavras-Chave:** Ensino Médio; Sentido de Escolarização; Escola Pública.

## **ABSTRACT**

This dissertation have the objective to know the meaning of schooling for high school students. As methodology for the analysis this subject was chosen the “Case Study”methodolgy and a peripheral Public State School in the city of Osasco, located in the metropolitan Region of São Paulo. The study counts on four lines of analysis, that cross at the end with an analytical synthesis. The first one goes through general considerations of high school, trying to characterize the legislation about the educational process of high school in the state of São Paulo. The second one shows the Case of using educational tools in the selected school, its operation, locating it in the place where it operates. On the third axis is made a theoretical analysis about the family influence on the schooling process, since the education of children and teenagers is their responsibility. The fourth axis tells the educational path of families, dealing with perspectives and expectations about the meaning of schooling of their children. Last, all the results shows some possible ways to solve conflicting situations between the dimensions of education for the case study. Therefore, were conducted bibliographic surveys, analysis of content, systematic observation, participant observation, semi-structured interviews, depth interviews and narrative interviews with students, school management, school coordination, teachers and student's families.

Keywords: High School; Meaning of schooling; Public School.

## **SUMÁRIO**

### **INTRODUÇÃO ..... 10**

1. Os sentidos da escolarização: contexto e pressupostos ..... 10

2. Metodologia ..... 12

3. Memorial- Justificativa da Escolha do Tema ..... 13

### **CAPÍTULO I.**

#### **AÇÃO PÚBLICA PARA O ENSINO MÉDIO: PARÂMETROS E LEGISLAÇÃO ..... 18**

1.1 Ensino Médio e Trabalho ..... 19

1.2 Prosseguimento dos Estudos ..... 21

1.3 Educação e Território ..... 23

1.4 Plano Nacional de Educação ..... 24

### **CAPÍTULO II.**

#### **ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR GASTÃO RAMOS – MUNICÍPIO DE OSASCO – SP ..... 25**

2.1 Características da Região ..... 26

2.1.1 Município de Osasco ..... 26

2.1.2 O Entorno da Escola ..... 27

2.2 Análise Pedagógico-Administrativa da Escola Estadual Professor Gastão Ramos 28

### **CAPÍTULO III.**

#### **FAMÍLIA: CO-RESPONSÁVEL NO PROCESSO EDUCACIONAL ..... 34**

3.1 A Família e a Crise do Estado-Providência ..... 35

3.2 As Transformações da Família ..... 36

3.3 Condições de Educabilidade ..... 38



## **CAPÍTULO IV.**

<b>TRAJETÓRIAS ESCOLARES: NARRATIVAS E PERSPECTIVAS .....</b>	<b>45</b>
4.1 Sobre a Pesquisa .....	45
4.2 Breve Perfil dos Estudantes Pesquisados da 3ª série do Ensino Médio da Escola Prof. Gastão Ramos .....	46
4.3 Entrevista com Jaqueline .....	48
4.4. Entrevista com Bruno .....	51
4.5 Entrevista com Matheus .....	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>76</b>
Anexo 1- Mapa 1 .....	76

## **INTRODUÇÃO**

### **1. Os Sentidos da Escolarização: contexto e pressupostos**

O Brasil vem passando, atualmente, por um processo de expansão do acesso à educação em diferentes níveis de ensino. Em 2013, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) sofreu uma alteração que estabelece a obrigatoriedade e a gratuidade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos, compreendendo desde a pré-escola até o ensino médio. A LDB ainda prescreve que a Educação Infantil (para menores de cinco anos) seja gratuita, apesar de não ser obrigatória, e que o Ensino Superior, não obrigatório, seja acessível.

Sendo parte integrante da formação e socialização, o processo de escolarização liga-se diretamente à condição da cidadania e do desenvolvimento das forças produtivas. No geral, da forma como as coisas são colocadas, o Ensino Superior aparece como uma questão de escolha, depois de um longo período de educação obrigatória.

No entanto, esse processo de escolha não é aleatório e nem neutro, pois depende do campo de visão que alcançam as pessoas sobre o significado que tem para elas o processo de escolarização. Este alcance depende tanto das estruturas objetivas, ou seja, condições econômicas e sociais, ambientais e institucionais, como de condições subjetivas, que motivam as ações e formam os sentidos.

Dessa forma, o destino ou a trajetória escolar estão ligados ao modo como as pessoas se relacionam com o mundo escolar, carregadas por marcas trazidas por outras esferas da vida social, como o trabalho, a família, o bairro e as relações sociais desenvolvidas.

Apesar da padronização dos parâmetros operacionais, há ainda diferenças entre as escolas, quanto à organização administrativa e pedagógica, que também condicionam a relação dos estudantes com o saber.

Enfatizando a universalização e a padronização, as escolas acabam produzindo um discurso meritocrático que diz que, diante da igualdade de acesso, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso é individual, imputada ao próprio estudante. Para se ter uma ideia, apenas em 2013 foram reconhecidas pela LDB as diferenças

étnico-raciais, que impactam substancialmente a forma de aquisição de capital cultural pelos alunos.

Diante do quadro da perpetuação das desigualdades sociais, frente a um sistema de ensino padronizado, este trabalho busca analisar, além da prática do sistema educacional em uma escola, os sentidos do próprio processo de escolarização por estudantes da terceira série do Ensino Médio, último ano dos estudos obrigatórios, incluindo a perspectiva de sua família.

O processo de escolarização é o processo pelo qual todos os jovens e crianças brasileiros são obrigados a passar, sendo responsabilidade do Estado e da família essa inserção escolar. Em uma combinação de fatores e imputações, o acesso à escola é vivido de diferentes maneiras por diferentes grupos. No entanto, um povo tem que compartilhar elementos essenciais, como a língua ou alguns valores. O desafio é, portanto, conviver com as diferenças, porque não existe Estado Nação sem diversidade. O complicador está no fato de que a escola é um espaço muito significativo onde a diversidade se encontra e se reconhece.

A educação se constitui como uma das composições fundamentais na sociedade moderna, estando vinculada à produção material, social e cultural. Porém, esse não é um processo neutro e igualitário, passando por diferentes impasses, ligados à renda, classe social, local de moradia, sexo e cor, por exemplo. As escolhas são influenciadas por condições econômicas, sociais e culturais. Assim, ao término do ensino médio, existe a opção de se cursar ou não o Ensino Superior. Mas as diferenças nas escolhas, a performance e a trajetória escolares estão ligadas à visão de mundo do agente, em uma determinada posição que ocupa no espaço social (BOURDIEU, 1990).

O sentido é produzido na dialética entre as estruturas objetivas e subjetivas, existentes nas relações interpessoais e em seus símbolos. As experiências, as trajetórias, as expectativas e os projetos de vida são, dessa forma, localizadas historicamente (SPINK, 2004).

Nesse jogo, as regras são impostas pelos adultos, resultantes de acordos implícitos entre pais e corpo docente (muitas vezes sem qualquer apreciação crítica), através da combinação de controles disciplinares. O sistema escolar precisa, para ser

eficiente, adequar-se a uma ação conjunta com o estudante, a família e a escola, que o impactam com suas diferenças.

Atualmente está acontecendo um movimento na educação, de olhar para o outro lado dessa relação dialógica que ocorre na educação, buscando o sentido atribuído pelos agentes ao processo educacional e não somente à forma ou ao método de ensino. Necessita-se, para tanto, de bases sólidas, produzidas por pesquisas científicas, que conduzam o desenvolvimento de métodos de ensino e avaliação para se obterem melhores resultados, com meios específicos para lidar com os estudantes, que não são *tabula rasa*, mas carregam consigo as marcas de suas trajetórias e as influências de suas famílias.

Nessa direção, se insere o tema e o problema de pesquisa desta dissertação: Qual é o sentido de escolarização por estudantes do Ensino Médio em uma Escola Pública Estadual de periferia? Nosso pressuposto é que os adolescentes, estudantes de uma mesma escola, têm diferentes visões de mundo referentes ao processo de escolarização pelo qual estão passando, ligadas às suas condições de existência, nas dimensões social, cultural e econômica.

## **2. Metodologia**

Para a análise do tema desta dissertação, optou-se pela metodologia do Estudo de Caso, tendo sido selecionada a Escola Estadual Professor Gastão Ramos, na periferia do Município de Osasco-SP, como o espaço para a pesquisa. Foram realizados levantamentos bibliográficos, análise de documentos, observações sistemáticas, observação participante, entrevistas semiestruturadas, entrevista em profundidade, entrevista narrativa, com a direção, coordenação, professores, estudantes e famílias de alunos. O trabalho está pautado em quatro eixos analíticos sobre a educação, que consistem basicamente na análise de:

1º - Leis, diretrizes, programas e projetos – Busca-se compreender os objetivos e as finalidades da educação escolar pública de nível médio, por meio da leitura do artigo referente ao Ensino Médio das Leis de Diretrizes e Bases e dos programas e projetos da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo;

2º - Contexto e ambiente escolar – Apresenta-se o espaço interno à escola, observando-se a utilização dos programas da SEE-SP e os mecanismos de funcionamento escolar, mas também insere-se a escola no bairro e na cidade, caracterizando o espaço externo;

3º - Relação entre família e escola – É feito um percurso teórico à procura de categorias analíticas que permitam explicar o universo das relações entre escola e família;

4º - Narrativas de escolarização – Estudantes e familiares têm suas histórias escolares contadas, assim como, seus contextos e expectativas.

Por fim, é feita uma análise conjunta dos elementos do processo educativo estudados.

### **3. Memorial - Justificativa da Escolha do Tema**

Aqui faço um relato pessoal sobre a minha vivência relativa à educação, pesquisa e docência, em formação, que delineou minha visão sobre o processo educativo escolar:

Volto para os estudos anteriores à graduação por conta da diversidade de escolas em que estudei, que marcaram meu interesse pelo tema dessa pesquisa de mestrado.

Aos quatro anos, ingressei na pré-escola na Escola Experimental de Primeiro e Segundo Graus Dr. Edmundo de Carvalho, na Lapa – SP, quando morava na Pompéia. A morte de minha bisavó por parte de avô materno, culminou na venda da casa e na divisão da herança para meu avô e seus irmãos. Com uma parte da herança, meu avô comprou um sítio em Pariquera-Açú – SP, onde fui morar com meu pai, minha mãe e meu irmão mais velho. Lá cursei o segundo ano da pré-escola e a primeira e segunda séries do Ensino Fundamental na Escola Estadual Manoel Camilo Junior, no centro da cidade. Com a venda do sítio em 1995 mudamos para Osasco, voltando a morar com meus avós, quando cursei a terceira e a quarta séries na Escola Municipal Tobias Barreto de Menezes. Na quinta série, passei a estudar na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Professor Francisco Casabona, ainda em Osasco.

Enquanto cursava a metade da sétima série, minha família se mudou novamente, agora para o Rio de Janeiro, cidade natal de meu pai, para o bairro de Anchieta, indo morar junto aos meus avós paternos, estudando na Escola Municipal Antenor Nascentes, que oferece cursos no contraturno. Depois, moramos no bairro de

Olinda, em Nilópolis, na Baixada Fluminense, em uma casa alugada por meus tios, diante de dificuldades econômicas pelas quais passava meu núcleo familiar.

Quando fui para o Ensino Médio, matriculei-me no Instituto de Educação Carlos Pasquale, que forma normalistas. Ainda não havia planejado estudar educação e, fugindo da obrigatoriedade do estágio como professora de crianças, pedi transferência para uma escola estadual comum, também em Nilópolis, que se chama E. E. Antônio Filgueiras de Almeida. Meus pais separaram-se; por um tempo morei com meu pai e meu irmão mais novo, depois fui morar com minha mãe no Estado de São Paulo.

Voltando a morar em Osasco, fui transferida durante a metade do 2º ano do Ensino Médio para uma escola em que já havia estudado, Casabona, onde concluí o Ensino Médio.

Ao término da Educação Básica, passei um ano no Rio de Janeiro com meu pai, trabalhando como panfleteira e depois como balconista em uma lanchonete. Em Osasco novamente, estudei no Cursinho Popular ACEPUSP, na Rua da Consolação, em São Paulo, no ano de 2006. Prestei a FUVEST, o vestibular da USP e não passei para a segunda fase, mas, ao me inscrever no Programa Universidade para Todos, PROUNI, do Governo Federal, consegui bolsa integral no Curso de Ciências Sociais da PUC-SP.

No segundo ano de faculdade, me inseri na pesquisa por meio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Tecnologia e Pesquisa (CNPq), mantendo a bolsa por dois anos, com dois temas diferentes de um mesmo universo, sob a orientação da Profª Dra. Marisa do Espírito Santo Borin.

A primeira pesquisa de Iniciação Científica intitulou-se “Educação e Segregação Social na Região Metropolitana de São Paulo: os alunos do Ensino Médio no Município de Osasco”, em que se analisou a relação entre educação e segregação social por meio de um estudo de caso em uma escola de periferia do município de Osasco, na qual foram realizadas entrevistas com professores, educandos, coordenador, diretora e vice-diretora, além de observação sistemática que compuseram a pesquisa de campo. Verificou-se que algumas variáveis são significativas para a produção do fracasso escolar dos jovens, como a ausência do acompanhamento familiar, a alta vulnerabilidade social da região e o sistema excludente de ensino. Assim sendo, mesmo que o sistema público de educação básica estenda a oferta de vagas para o Ensino

Médio, percebe-se que a garantia de matrícula não se converte em sucesso escolar automaticamente, pois uma série de fatores contribui para o impasse entre a dinâmica social e econômica da comunidade e aquisição de capital escolar via escolarização. Essa pesquisa foi apresentada no 18º Encontro de Iniciação Científica da PUC-SP, em 2009.

A segunda IC surgiu de um pensamento tangencial ao primeiro, mas que procurou observar a relação dos jovens da mesma região com o mundo do trabalho. Intitulada de “Juventude, Trabalho e Vulnerabilidade Social”, procurou entender o sentido do trabalho para jovens moradores da periferia de Osasco, diante da precarização do mundo do trabalho, que atinge as populações de diferentes maneiras. Além de barreiras relacionadas à idade e à escolarização, problemas de outras esferas da vida dos jovens, também interferem na dimensão do trabalho. Com este estudo, incluí em meu arcabouço teórico o destaque à produção de sentido para a ação social, procurando entender como as visões de mundo importam para as características da ação, juntamente com as questões materiais e contextuais, ao discursar sobre o sentido do trabalho para jovens moradores da periferia da Zona Norte de Osasco, entrevistando alguns jovens de até 25 anos. Em consequência deste trabalho, recebi Menção Honrosa – PIBIC, na PUC-SP, no ano de 2010.

Concomitantemente às pesquisas, iniciei o ano letivo de 2010 como professora de Sociologia para o Ensino Médio, na mesma escola que me serviu de caso para a 1ª IC, E. E. Antônio Carlos da Trindade, durante o último ano do curso de Ciências Sociais, estreitando meus laços com o Ensino Médio, dando aulas no Ensino Regular e na Educação de Jovens e Adultos.

O Trabalho de Conclusão de Curso consistiu na produção de um projeto de mestrado intitulado “Família e Escola: a performance escolar de estudantes de Escola Pública”, que teve como proposta identificar aspectos imbricados nas relações entre escola e família, procurando entender em que intensidade e de que maneiras o acúmulo de capital cultural familiar atua sobre a performance educacional dos filhos, considerando-se a família moradora em área periférica da Região Metropolitana de São Paulo. O projeto se propunha inclusive a analisar as condições do contexto escolar frente à diversidade sócio cultural dos estudantes, ressaltando-se a configuração de uma escola de periferia.

O ano seguinte foi dedicado inteiramente à atividade docente, quando ministrei aulas para trinta e três turmas em cinco escolas, quatro estaduais e uma particular, todas em Osasco. Tive a oportunidade de observar, neste período, a diversidade da administração escolar.

Em 2012, ingressei no curso de Mestrado em Ciências Sociais da PUC-SP e a partir do segundo semestre fui contemplada com a bolsa integral do CNPq. As disciplinas optativas selecionadas foram “Novas formas de sociabilidade na Metrópole”, “Famílias e Comunidades Contemporâneas”, do PPG-CS, e “Fundamentos Conceituais das Ciências Cognitivas”, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência de Design Digital (PPG-TIDD/PUC-SP).

Nesse mesmo ano, também elaborei um artigo, submetido para análise em 2013 pela Revista Eletrônica da PUC-SP Ponto e Vírgula, ainda não publicado, chamado “Família e Escola: poder, cognição e reprodução social”. Ele foi escrito com o objetivo de refletir acerca da relação entre família e escola, buscando entender os mecanismos pelos quais o poder é sofrido e exercido, permeando os códigos da linguagem e as práticas sociais. O referido artigo considera que uma relação estreita entre os elementos que compõem o discurso e a ação existe para mobilizar ou manter a ordem social, tornando-se intrinsecamente sociais as práticas e a linguagem humanas e o sentido a elas atribuído. Assim, pensando-se em um contexto de escola de periferia, procurou-se evidenciar a maneira pela qual os indivíduos e suas famílias colaboram ou não para a manutenção da estrutura, estando eles em situação social desfavorável, sendo pobres e passando por um processo de escolarização repleto de ruídos. A proposta de inclusão via universalização torna-se marginalizante na medida em que a padronização do ensino recrimina a diversidade de visões de mundo existentes, fazendo todos aceitarem e professarem até o que não se sentem inclinados a fazer. Desse modo, discute-se a questão do poder, da disciplina, da vontade e do sentido, nos âmbitos familiar e escolar, e a relação entre ambos junto ao Estado, à propriedade e às relações sociais. Este artigo foi apresentado no Seminário de Pós-Graduação em Ciências Sociais PUC-SP “Estado das Coisas, as Ciências Sociais hoje”, em 2012.

Ainda no âmbito da educação, faço parte de um projeto, desde 2012, na área de soluções tecnológicas para alfabetização, na produção metodológica do projeto Game Superfônicos.



Ao decorrer da pesquisa de mestrado, a estrutura delineada do projeto modificou-se, enfatizando mais a produção de sentidos contextualizados e socialmente construídos sobre o processo de escolarização, alertando para as especificidades do lugar, para o sistema de ensino e uso em uma escola (E. E. Professor Gastão Ramos, em que atuei como professora) e as visões dos pais e dos próprios estudantes.

## **CAPÍTULO I.**

### **POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO: PARÂMETROS E LEGISLAÇÃO**

Ao se tratar de educação existem diferenças significativas nos desenhos e nos objetivos de cada etapa escolar. Assim, o Ensino Médio constitui-se o assunto desse capítulo, analisado tanto em seus parâmetros legais, quanto pela aplicabilidade, levando em conta a Administração em uma escola pública estadual da periferia de Osasco, escolhida para a análise.

Para tanto, é feita uma explanação sobre suas competências e desafios, a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e dos programas e projetos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP).

Com isso, procura-se evidenciar as condições particulares de ensino e os desafios comuns colocados aos jovens de São Paulo, ligados ao trabalho e prosseguimento dos estudos.

Para determinar as finalidades do Ensino Médio, pode-se ler o Artigo 35º da LDB em vigor:

“Art. 35º O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade:

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV- a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria e a prática, no ensino de cada disciplina.”

Assim, tem-se que as finalidades do Ensino Médio ligam-se à própria continuidade da educação, ao trabalho e à sociedade, combinados com o desenvolvimento da ética e da cidadania.

O Ensino Médio traz conhecimentos complementares aos do Ensino Fundamental e deve preparar os estudantes para dar prosseguimento à vida escolar e a se inserirem adequadamente no mercado de trabalho, visando aperfeiçoamentos e aptidões para a flexibilidade do modo atual de produção.

### **1.1 - Ensino Médio e Trabalho**

Um ponto-chave para o estudo do Ensino Médio é a relação estreita que mantém com o mundo do trabalho, sendo um fator importante para a empregabilidade.

Do total de empregos formais no Estado de São Paulo, 50,15%, a maior parcela, são para quem possui Ensino Médio completo frente a 19,00% para Ensino Fundamental completo e 18,90% para Ensino Superior completo ficando, assim, o Ensino Médio com quase metade do nível de escolaridade dos empregados formalmente em 2012<sup>1</sup>.

Além disso, os jovens com até 24 anos contabilizam 18,59% da população de empregados com registro na carteira, existindo portanto um número significativo de adultos com 25 anos ou mais que não deram continuidade aos estudos e priorizaram a inserção no mercado de trabalho, permanecendo apenas com a escolarização do nível médio.

Diante desta realidade, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP) criou alguns programas visando ao melhor preparo dos jovens para o mundo produtivo, de forma a buscar formar mão de obra especializada. Dentre eles, encontra-se a Escola Virtual de Programas Educacionais (EVESP), que oferece cursos online

---

<sup>1</sup> Cálculo feito através da relação entre o nível de escolaridade e a soma do número dos empregados formalmente em todos os níveis de escolaridade, de acordo com tabela gerada pela Fundação SEADE.

gratuitos sobre diferentes temas, incluindo inglês, espanhol e cursinho pré-vestibular, disponível para 1,8 milhões de alunos <sup>2</sup>. Também existem os Centros de Estudos de Línguas, que hoje são mais de 200 em funcionamento, com aulas de idiomas variados, atendendo 65 mil alunos somente no primeiro semestre de 2013.

O Estado de São Paulo conta inclusive com Escolas Técnicas (ETECs) do Centro Paula Souza (autarquia do Governo vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação), que atendem mais de 221 mil estudantes no Ensino Médio, Técnico Integrado ao Médio e no Ensino Técnico.

A rede estadual também possui atualmente 437 Escolas de Tempo Integral (ETIs) de Ensino Fundamental e Médio com atividades esportivas e culturais no contraturno. Em 2012 foi implantado um novo modelo de ETIs, somando 182 escolas em 2014. O novo modelo conta com 50 mil alunos atendidos somente por professores efetivos e estáveis em regime de dedicação exclusiva e com 75% de acréscimo salarial. De acordo com o Centro Paula Souza, este novo modelo visa a orientar os estudantes para o fazer científico, a vida acadêmica e o mundo do trabalho, buscando auxiliar na elaboração de um projeto de vida. A oferta dessas vagas especiais, no entanto, não é para toda a população em idade escolar de 15 a 17 anos, que em 2012 no Estado de São Paulo foi de 1. 975 049 pessoas, de acordo com a Fundação SEADE.

Dessa forma, a necessidade de criação desse novo modelo de ETIs indica a ineficácia da Escola Estadual de cumprir a legislação, pois nela já deveria haver a orientação para a vida científica, acadêmica e de trabalho satisfatoriamente, visto que existem 200 dias letivos por ano.

A falta de experiência e preparação empurram os jovens para marcas negativas em sua inserção no mercado de trabalho, quando estes desejam nele entrar. Em 2011, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) registrou taxa de desemprego de 12,6% entre os jovens no mundo, frente a 4,5% entre adultos<sup>3</sup>, sendo, portanto, três vezes maior a chance de um jovem estar desempregado do que um adulto. Outra consideração importante relevante na relação entre escola e trabalho é que os adolescentes que estudam e trabalham carregam consigo adversidades adicionais às

---

<sup>2</sup> Fonte: Secretaria de Estado da Educação de São Paulo – SEE-SP.

<sup>3</sup> Fonte: O Globo.

rotinas escolares, como a dificuldade em conciliar horários, maiores níveis de cansaço, menor tempo para realização de tarefas extra-classe, responsabilidades em uma nova esfera social.

No Brasil, um quinto da população formada por jovens não estuda e não trabalha, denominado pelo IBGE como “geração nem-nem”. Esse fenômeno possivelmente causará danos à vida produtiva deles quando adultos, demandando atenção redobrada pelos órgãos públicos para lidar com essa situação sem aprofundar as desigualdades sociais.

## **1.2 Prosseguimento dos Estudos**

O outro desafio encontrado por jovens estudantes coloca-se em relação ao prosseguimento dos estudos, visto que a capacitação para a entrada nos cursos superiores também é finalidade do Ensino Médio.

O país passou nos últimos anos por um processo de expansão do ensino superior, com a abertura de novas faculdades particulares e criação e expansão de universidades federais, além de programas de acesso movidos pelo Governo Federal.

O advento da chamada globalização, a tecnicização da vida, o surgimento de ramos de trabalho que exigem maior qualificação e a existência de um mercado consumidor fizeram com que empresas privadas investissem de forma pesada na educação superior nas últimas décadas, principalmente por grandes redes de ensino e faculdades menores, com mensalidades mais baratas e baixa qualidade de ensino, tendo em vista que muitas contratam professores com pouca qualificação e utilizam sistemas de ensino previamente preparados, ficando muitas vezes distante da realidade dos alunos e da contribuição para o pensamento crítico.

Para aqueles que conseguem se matricular em graduações de instituições de ensino superior particulares existe o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), vinculado ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Através de cadastro eletrônico, os estudantes podem solicitar o financiamento e começar a pagar ao término do curso, quando têm a possibilidade de ocupar cargos em empregos com melhor remuneração. Somente no ano de 2010 foram contratados no Brasil 532.302

financiamentos<sup>4</sup>. O FIES passará a atender, a partir do ano que vem, aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

Desde 2003, o MEC, por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni, vem ampliando a oferta de vagas através da criação, a partir de então, de 14 universidades federais e 100 novos *campi*, até 2011 no Brasil. No Estado de São Paulo existem atualmente três universidades federais: A Universidade Federal do ABC (UNIABC), a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

No começo dos anos 1990, o número de estudantes matriculados no ensino superior era de 1.504.080. No ano 2000, as matrículas no Brasil aumentaram para 2.694.245, e em 2011 pôde-se contar 6.379.299 matriculados, indicando um crescimento significativo de matriculados no Ensino Superior nos últimos 20 anos, principalmente na última década. No entanto, através de um documento produzido pelo MEC<sup>5</sup>, o Governo Federal reconheceu a insuficiência de oferta frente às expectativas da população brasileira, incluindo o reconhecimento das desigualdades sociais contidas no acesso e na permanência em um curso de nível superior.

Outra medida adotada pelo Governo Federal, através do Ministério da Educação (MEC), é a realização, desde 1998, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), avaliando o Ensino Médio através de provas com questões de múltipla-escolha e redação. O Enem pode ser realizado por estudantes e egressos de todas as redes de ensino, tendo como principal finalidade avaliar o desempenho escolar<sup>6</sup>. No entanto, o interesse principal dos estudantes em participar do Exame é aumentar as chances de acesso ao Ensino Superior, mecanismo criado em 2009. O Enem pode ser

---

<sup>4</sup> Fonte: MEC.

<sup>5</sup> CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação nacional de qualidade. **Ministério da Educação**. 04/06/2013. Disponível em [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:N7MC6H0d1foJ:portal.mec.gov.br/index.php%3Foption%3Dcom\\_docman%26task%3Ddoc\\_download%26gid%3D13948%26Itemid+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:N7MC6H0d1foJ:portal.mec.gov.br/index.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D13948%26Itemid+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br)

<sup>6</sup> Fonte: INEP.

utilizado no lugar dos vestibulares ou somado aos processos seletivos, adotados nas esferas pública e particular.

Existe, por exemplo, o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), gerenciado pelo MEC, que distribui vagas em universidades federais, por um sistema informatizado *online*, utilizando as notas obtidas no ENEM.

O ENEM também é critério de seleção do Programa Universidade para Todos (PROUNI), do Governo Federal, que desde 2004 oferece bolsas de estudo parciais e integrais em instituições de ensino superior particulares. Destina-se a egressos da rede pública ou bolsistas da rede particular em troca de isenção fiscal para as instituições que concederem as bolsas<sup>7</sup>.

Há ainda o Programa Ciência sem Fronteiras, que visa à promoção do intercâmbio durante a graduação e a pós-graduação. Na graduação o Programa destina-se ao estudante que obteve nota maior que 600 no Enem a partir de 2009 e proficiência na língua do país escolhido.

Mais um dado importante é a regulamentação do Decreto nº 7.824/2012, a chamada “Lei de Cotas”, que reserva metade das vagas federais para quem estudou em escola pública durante o Ensino Médio.

### **1.3 Educação e Território**

Um dos princípios enfatizados pela LDB para uma educação democrática consiste no ideal iluminista de igualdade. As crianças e adolescentes devem ter iguais condições de acesso e permanência na escola.

No entanto, os resultados obtidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, o INEP, revelam que as escolas alcançam índices de desempenho diferentes. Esse dado relaciona-se estreitamente com a origem social dos alunos que compõem a clientela da escola.

Existem vários fatores associados a esse processo e um deles é o impacto causado pela homogeneidade dos estudantes de uma escola ou de uma sala. Esses fatores estão relacionados ao modo como se organizam as políticas educacionais.

---

<sup>7</sup> Fonte: MEC.

Por lei, crianças dos Ensinos Infantil e Fundamental devem ser matrículas em escolas próximas ao local de residência e um adolescente do Ensino Médio da rede pública geralmente também estuda próximo à sua residência. Eles carregam consigo as marcas das interações sociais ligadas à família, mas também de seus meios sociais. Em periferias segregadas socio-territorialmente, as marcas sociais das relações de vizinhança são semelhantes ao conjunto das de seus colegas. Esses atributos e relações sociais, ligados ao local de moradia, afetam a performance escolar, trazendo-lhe benefícios ou criando um acúmulo de empecilhos educacionais. A concentração de estudantes com baixa performance, em escolas com uma clientela homogênea, tem um efeito de reforçar o baixo desempenho (SOARES, et. al. 2007).

De acordo com estudo realizado por Torres et. al. (2005), só o fato de se morar na periferia já aumenta as chances de não se completar o Ensino Médio (pesquisa feita quando o Ensino Médio ainda não era obrigatório).

#### **1.4 Plano Nacional de Educação**

O futuro do Ensino Médio está diante de novas metas colocadas pelo Governo Federal. Em 2014 foi assinado o acordo entre as diversas instâncias governamentais que indica vinte metas para serem cumpridas ao decorrer do próximo decênio.

Para o Ensino Médio, as indicações são para que haja a sua universalização até 2016, para toda a população de 15 a 17 anos. Até o final da PNE a taxa líquida de matrículas no Ensino Médio deve chegar a 85%.

Observa-se, no entanto, a necessidade não só de adequar o número de vagas mas, também, melhorar a qualidade do ensino, tema central para a discussão sobre a popularização do acesso à educação básica.



## **CAPÍTULO II.**

### **A ESCOLA ESTADUAL PROFº GASTÃO RAMOS - MUNICÍPIO DE OSASCO - SP**

Este capítulo faz uma análise da Escola Estadual Professor Gastão Ramos, levando-se em conta as dimensões relativas ao quesito educacional citadas no capítulo anterior.

Foi escolhida uma escola localizada na periferia do município de Osasco, com algumas características peculiares, especialmente quanto ao seu entorno que impacta em seu funcionamento. A Escola Estadual Gastão Ramos fica no extremo da zona norte do Município de Osasco, na divisa com São Paulo.

Até 1971, as escolas mais próximas do local ficavam na Vila Menk, um bairro vizinho, antigamente ocupado por barracões vinculados às escolas onde se praticava o ensino.

Foi Sólon Borges dos Reis<sup>8</sup> que denominou a escola e escolheu também o nome de mais 252, através de projetos de leis aprovados durante seus cinco mandatos como deputado estadual. Resolveu homenagear seu amigo pessoal Gastão Ramos<sup>9</sup>. O professor Gastão Ramos, nascido em Anchieta - ES no ano de 1886, atuou como inspetor de escolas e foi criador do Centro do Professorado Paulista. Em 1977, durante o governo estadual de Paulo Maluf, a instituição se tornou Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau.

Localiza-se na Rua Serra das Antas, no Jardim Três Montanhas e atende, além do próprio bairro, o Jardim Santa Rita, o Jardim Santa Fé e o Açucarará. Próxima à escola há uma área de 48 mil metros quadrados recentemente ocupada pela comunidade

---

<sup>8</sup> Sólon Borges dos Reis foi presidente da União Paulista de Educação, deputado estadual entre 1959 e 1979 pela ARENA, é o autor de 329 projetos de leis aprovados, a maioria com nomes de escola e quase todos relacionadas à educação. Foi vice-prefeito de Paulo Maluf, nomeado secretário da Educação durante os anos de 1993 a 1996.

<sup>9</sup> Também existe uma rua em Santo Amaro - SP com o nome de Gastão Ramos.

autodenominada Esperança<sup>10</sup>. A ocupação não interferiu no funcionamento da escola, que recebeu dela apenas quatro matrículas.

Em 2014 contou com 23 turmas, do 6º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio, 12 no período da manhã e 11 à tarde, com o total de 792 matrículas. O período noturno funcionou até 2013 e fechou por baixa demanda.

Para a diretora da escola, não há problemas quanto à oferta de vagas, já que para ela a escola atende perfeitamente a demanda dos bairros ao redor. Por localizar-se em região de fronteira, também não vê empecilhos, visto que os moradores dos bairros mais afastados atravessam a Rodovia Anhanguera para frequentar escolas no Município de São Paulo.

## **2.1 Características da Região**

As características da região contextualizam e ajudam na compreensão do funcionamento da escola. Primeiro, estão descritas as características do Município de Osasco e em seguida dos arredores da escola.

### **2.1.1 O Município de Osasco**

No espaço onde hoje encontra-se o Município de Osasco, havia muitos sítios e fazendas e uma aldeia de pescadores às margens do rio Tietê. Em 1887, Antônio Agu, proprietário de negócios e terras na região, em sociedade com Dimitri Sansaud de Lavaud, deu origem à primeira indústria da cidade, a Companhia Cerâmica Industrial de Vila Osasco. Em 1895, Agu criou a Estação Ferroviária e construiu casas para operários para atuarem na obra.

Osasco não parou de crescer e antes com a população composta principalmente por imigrantes italianos, hoje possui um grande número de famílias vindas da região Norte e Nordeste do país. Também moram em Osasco muitas pessoas expulsas da capital do Estado de São Paulo pelo mercado imobiliário e pelo custo de vida encarecido. O município foi emancipado em 1962, após plebiscito.

---

<sup>10</sup> A ocupação vem sendo feita desde o dia 23 de agosto de 2013, e iniciou com o assentamento de 1.200 pessoas. Alguns alunos também estão ocupando ali.

Mesmo sendo uma região com grande número de indústrias e com o centro desenvolvido, Osasco também é uma cidade-dormitório, pois muitos moradores trabalham em outras cidades, principalmente em São Paulo e Barueri, onde encontra-se maior oferta de emprego na área de serviços e comércio.

### **2.1.2 O entorno da escola**

Da janela das salas de aula a paisagem é verde. Ali começa uma região habitada por árvores e plantas, próximo ao Pico do Jaraguá. Ao Oeste há intensa atividade industrial e ao Leste e ao Sul existe a predominância de áreas residenciais<sup>11</sup>.

Há muito tempo grandes empresas estão ali instaladas, conforme relata a diretora, que trabalha na escola há 26 anos. Entre elas estão o depósito Pão de Açúcar, o depósito da Farmacruz, a Borracha, que fazia material de borracha para carros, a Cica, trabalhando com peças para motos, a Espiraflex, com borracha, Tigre, tubos e conexões. Por meio de incentivo fiscal, foi criado o Parque Industrial Mazzei, aumentando o número de empresas no local, principalmente de logística, por estar às margens da Rodovia Anhanguera.

Perto da escola há uma cachoeira e uma represa que se chama Glauco Villas Boas, em homenagem ao cartunista assassinado ali na redondeza onde existe um espaço para a prática de Santo Daime. Do outro lado da represa existem casas abastadas e atrás delas há pobreza e condições precárias, no morro do Açucará. Atrás da escola, no Jardim Santa Fé, existe a Biquinha com muitos barracos e casas precárias. Em outro bairro pobre, o Santa Rita, estão se instalando muitas empresas.

Algumas ruas foram asfaltadas há pouco tempo e outras são de terra e nas ruas asfaltadas há uma grande circulação de carretas das indústrias e dos depósitos, ocasionando problemas no trânsito. Às vezes, os professores chegam atrasados na aula por causa do engarrafamento de carretas.

Existe um posto de saúde, uma EMEI e uma EMEF. O comércio é precário, com poucas padarias e mercadinhos. Em frente à escola, localiza-se o ponto final de duas linhas de ônibus, com destinos para a Lapa e para o Jardim Adalgisa, que passa

---

<sup>11</sup> Ver mapa 1, em anexo.

pelo centro de Osasco. Ali perto também é possível pegar ônibus para Pinheiros e uma linha municipal recentemente foi criada para ir até o Açúcará.

No local não há farmácia, nem posto de gasolina, nem lojas de roupa, de calçados e só tem um mercadinho, que recentemente teve seu dono morto em um assalto, em plena manhã. Há a predominância de indústrias por ali.

Parte das pessoas que moram na região são antigos proprietários de terra, outras são migrantes, principalmente vindos do Norte e do Nordeste e as ocupações mais recentes foram feitas por pessoas oriundas de outras regiões periféricas de Osasco e de São Paulo.

## **2.2 Análise Pedagógico-Administrativa da Escola Estadual Professor Gastão Ramos**

Para analisar as dinâmicas intraescolares, em sua organização pedagógica, optou-se por entrevistar as professoras-coordenadoras a respeito da aplicação de programas e projetos disparados pela SEE-SP. O objetivo desta análise é identificar se o Ensino Médio da E. E. Profº Gastão Ramos, dentro da lógica educacional estadual paulista, atinge suas finalidades de acordo com a LDB, se se desviam e quais medidas foram aplicadas no ano de 2013.

O Ensino Médio público é de responsabilidade dos governos dos Estados no Brasil. Assim, as Secretarias da Educação têm que criar estratégias para a implementação das normas através dos programas, de acordo com as diretrizes propostas pela LDB e pelas metas do PNE.

Primeiramente, é preciso salientar que nem todos os programas chegam até a escola, dependendo da diretoria de ensino ou do tipo ou da classificação da escola. As diretorias também divergem na opção da execução dos programas e às vezes o programa funciona apenas em algumas escolas-piloto ou modelo. Esse é o caso, por exemplo, de alguns programas como o “Residência Educacional”<sup>12</sup> e “Educação com

---

<sup>12</sup>O programa “Residência Educacional” convocaria estudantes de cursos universitários para estagiar por 15 horas semanais, em contrato de um ano, recebendo bolsa de R\$420,00 mais R\$180,00 de vale-transporte. Fora prevista a contratação de 10.396 estagiários.

Saúde”<sup>13</sup> que foram até temas de comunicados e reuniões, que não chegaram até a escola.

O material de apoio proposto para ensino e aprendizagem de São Paulo criado pela Secretaria de Estado da Educação para o Ensino Médio, intitulado “São Paulo faz escola” é visto com bons olhos pelas professoras-coordenadoras da Gastão Ramos, na medida em que fornece uma base comum de conhecimentos para todos os estudantes e parece, para elas, satisfatório. Não questionam, assim, os conteúdos e as disciplinas oferecidas. A escola possui uma pequena biblioteca.

Também estão de acordo com o Sistema de Proteção Escolar, composto pelo Professor-Mediador e o Registro de Ocorrências Escolares, registros de depredações feitas na escola, preenchidos via internet. A escola recebe o Adicional por Local de Exercício (ALE) por estar instalada em local de difícil acesso e alta periculosidade. As escolas assim classificadas recebem como adicional um professor-mediador, contribuindo para a solução de problemas.

Na escola acontece o programa “Cultura é Currículo”, que conta com três projetos: O “Lugares de Aprender”, o “Cinema vai à escola” e “Escola em Cena”, possibilitando aos educandos adentrar em universos culturais, como o cinema, e realizar visitas a instituições culturais e a exposições de arte, sendo para muitos momentos únicos em suas vidas. Existe uma sala com computadores em que os estudantes têm a oportunidade de fazer pesquisas, digitalizar trabalhos e navegar na Internet, em aulas administradas por seus professores ou no contraturno no Acessa Escola<sup>14</sup>.

O Agita Galera acontece uma vez ao ano e se dedica à promoção da importância da prática de exercícios físicos, além de estimular o bom humor e a boa convivência.

---

<sup>13</sup> Equipe de profissionais da saúde faria parte do programa “Educação com Saúde”, fruto da parceria entre a SEE-SP, o Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual (IAMSPE) e a Casa de Saúde Santa Marcelina (CSSM).

<sup>14</sup> Acessa Escola é um programa de inclusão digital das Secretarias de Estado da Educação e da Gestão Pública, para estudantes, professores e funcionários das escolas. Os estagiários são alunos da rede, remunerados para auxiliar na operação das máquinas. Em 2014, a rede contratou 11 mil estagiários e instalou 80 mil novos computadores.

O dia “D” é o dia de visita dos pais à escola, o dia em que há atividades destinadas para o estímulo do estreitamento das relações entre família e escola, com atividades para os pais e para os filhos.

A escola, considerada insuficiente na avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP) em 2009, foi incluída no “Programa Mais Educação”, que oferece cursos no contraturno. As oficinas escolhidas foram teatro, dança, rádio, letramento de português e matemática e atletismo.

O IDESP indica a qualidade dos anos iniciais (1º ao 5º anos) e finais (6º ao 9º anos) do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Os critérios utilizados são o desempenho dos estudantes nos exames do Sistema de Avaliação do Rendimento do Estado de São Paulo (SARESP)<sup>15</sup> e o fluxo escolar.

O IDESP da E. E. Profº Gastão Ramos mantém-se acima das médias estadual e municipal, passando por quedas apenas em 2009 e 2012, conforme Tabela I.

**Tabela I - Evolução do IDESP da E. E. Profº Gastão Ramos**

<b>Ano</b>	<b>IDESP E. Gastão Ramos</b>	<b>Média estadual SÃO PAULO</b>	<b>Média municipal OSASCO</b>
2008	2,33	1,95	1,68
2009	1,61	1,98	1,79
2010	2,22	1,81	1,66
2011	2,92	1,78	1,68
2012	1,94	1,91	1,61
2013	2,49	1,83	1,58

Fonte: INEP

Em 2014, o corpo docente comemora os resultados do IDESP, pois foram gratificados com o bônus concedido às escolas que atingem as metas propostas ano a ano para cada escola. Devido ao IDESP 2013 relativamente alto, a meta para 2014 está

---

<sup>15</sup> O SARESP avalia a Educação Básica no estado de São Paulo, que funciona como um mecanismo de coleta e sistematização de dados sobre o desempenho dos alunos.

bem acima da média, proporcionando desafios ainda maiores para E. E. Profº Gastão Ramos.

Em contrapartida, enquanto novos programas e projetos são criados, outros são deixados de lado sem explicação. Por exemplo, as “Disciplinas de Apoio Curricular”, divididas por área do conhecimento e que utilizavam a revista *Atualidades*, entregue a cada aluno.

Além disso, existe a baixa demanda para cursos oferecidos pela rede, como o “Curso de Inglês e Espanhol online”, em que apenas uma inscrição foi feita no ano de 2013 na escola, e o “Centro de Línguas”, que pelo mesmo motivo está desativado. Os estudantes da Gastão Ramos também possuem baixos índices de frequência em cursos extracurriculares.

Gastão Ramos não é uma escola prioritária, que são as escolas com baixo IDESP da Diretoria de Ensino de Osasco, deixando de participar de alguns programas e de receber algumas benfeitorias. Também não é uma Escola de Tempo Integral <sup>16</sup> (só existe uma no município de Osasco).

A escola passa atualmente por reforma, que está limitada à troca de piso. Qualquer reforma significativa, como ampliações, construções de espaços, ou até mesmo adequação a estudantes com mobilidade reduzida são difíceis de acontecer. As construções foram feitas em um terreno muito íngreme e demandam boas ideias e investimento para melhorias necessárias. É desde sua construção uma escola de porte pequeno. Assim, por exemplo, não pôde participar do projeto “Sala de Leitura”<sup>17</sup>, porque em suas dependências não há espaço adequado.

Um dos principais problemas apontados pelas professoras-coordenadoras está relacionado ao tempo para a realização das atividades e ao excesso de projetos em andamento consecutivamente. Elas relataram um sentimento de impotência, em que ao mesmo tempo em que se leva trabalho para casa, não é possível abraçar tudo o que é solicitado pela SEE-SP e pela Diretoria de Ensino de Osasco.

---

<sup>16</sup> Ver capítulo I para saber sobre Escola de Tempo Integral, na página 20.

<sup>17</sup> A “Sala de Leitura” é um projeto criado em 2009 que demanda uma sala arejada com capacidade para mesas, cadeiras e estantes de livros, feita para funcionar durante a semana nos períodos de aula.

Há, por exemplo, previsto no calendário oficial apenas um dia para conselho de classe, que é, para todas as escolas insuficiente, e demanda a liberação dos estudantes em dias letivos, medida não cabível na legislação.

Existe também o programa de capacitação “Melhor Gestão, Melhor Ensino”<sup>18</sup>, para gestores e professores de Língua Portuguesa e Matemática que convoca reuniões no horário de aula desses professores. Os alunos das turmas que não terão professor, possivelmente ficarão sem aula, pois na escola existe a falta de professor e a falta do professor. É formado um quadro de excesso de aulas vagas. A escola lida inclusive com a falta de inspetor de alunos, além da rotatividade instaurada por contratos. Isso carrega o peso da descontinuidade do processo educacional, enfraquecendo os vínculos pedagógicos na aprendizagem.

Nas aulas acontecem alguns empecilhos quanto à relação pedagógica, que estão ligados à formação dos professores e à valorização do quadro de magistério.

Alguns professores estão ali na escola para “dar o sangue” pela educação, pesquisam e tentam estimular os educandos. Porém, grande parte está descrente em relação a seu trabalho, diante da perda de autoridade pedagógica. Os motivos apontados pelas coordenadoras foram o aumento da agressividade por parte dos estudantes e problemas relacionados à didática e à experiência dos professores.

Em relação à formação dos professores, existem dois tipos de problemas. O primeiro é a baixa qualidade dos cursos de licenciatura, principalmente os executados à distância. O segundo refere-se à resistência de alguns professores antigos que têm aversão a novos métodos de ensino. Em geral, portanto, o problema está relacionado à baixa procura por formação por parte dos professores. De todos os professores que

---

<sup>18</sup> A ação “Melhor Gestão, Melhor Ensino” faz parte do Programa “Educação – Compromisso de São Paulo” e tem como finalidade o aperfeiçoamento da prática docente para melhorar a educação do Estado de São Paulo. Funcionando durante o horário de trabalho, não é uma atividade que justifique remuneração extra. Apesar de focar-se nos anos finais do Ensino Fundamental, choca-se com este estudo na medida em que grande parte dos professores atua nos dois níveis de ensino, causando transtornos também no Ensino Médio, ocasionados pela ausência dos professores no período de suas aulas.



atuaram em 2013, nenhum possuía pós-graduação, exceto a vice-diretora e uma professora que é diretora em outra escola, as duas *Lato Sensu* pela Redefor<sup>19</sup>.

Um outro problema está atrelado à falta de comunicação, que é recorrente entre todas as instâncias, entre as escolas e as diretorias, diretorias entre si, entre diretorias e SEE-SP, entre escolas de uma mesma diretoria. Isso dificulta a visibilidade dos projetos trabalhados por cada escola, que permitiria troca de experiências e a mobilização por parte das instâncias superiores.

Outra dificuldade é estabelecer uma boa relação e comunicação entre escola e família. Às vezes, a comunicação se perde como um efeito de telefone-sem-fio, em que um comunicado superior perde o significado, ou não condiz com a realidade do grupo de pessoas para quem foi preparado. O entrave pode vir também da família, na medida em que comparecem pouco aos eventos realizados na escola para seu acolhimento, ficando abaixo das expectativas dos professores, que às vezes preparam algo mais elaborado para a recepção.

O projeto “Escola da Família”, com abertura da escola para atividades e oficinas aos finais de semana, não está mais em funcionamento por causa do baixo índice de adesão. O que tem na escola nos finais de semana é o futebol na quadra, e às vezes, encontra-se na segunda-feira vestígios de cigarros, bebidas e camisinhas. O que se sente é a ausência da família na escola, medido pelo nível de envolvimento dos pais no cotidiano escolar dos filhos.

---

<sup>19</sup>O Governo Estadual, em parceria com a USP, UNESP e UNICAMP, oferece cursos gratuitos de pós-Graduação a docentes da rede estadual.

### **CAPÍTULO III.**

#### **FAMÍLIA: CO-RESPONSÁVEL NO PROCESSO EDUCACIONAL**

Este capítulo busca explicações teóricas sobre o envolvimento de pais ou responsáveis no processo educacional. Com isso, procura-se identificar as categorias analíticas que podem auxiliar no entendimento sobre o investimento de capitais da família em relação ao processo de escolarização do filho em sua trajetória, o momento atual e expectativas futuras.

Eventualmente, ouve-se dizer que determinado comportamento, atitude ou valor não se aprende na escola, mas “vem de berço”. Alinhado a esse pensamento está a estrutura de muitos sistemas de ensino e o discurso de membros dos corpos docentes. Apostam na ideia de que os estudantes devam, ao entrar na sala de aula, estar previamente preparados por seus pais para que se comportem, sejam educados com os colegas e com os professores, que sigam as instruções pedagógicas e que entendam os conteúdos no ritmo adequado.

Desse modo, a escola seria apenas uma instituição que transmite o conhecimento de forma igual a todos os cidadãos de direito, responsabilizando o indivíduo (ou a família do indivíduo) pelo sucesso ou fracasso alcançados na trajetória escolar. Esse tipo de argumento, que cabe bem nas reclamações de muitos dos professores<sup>20</sup>, principalmente daqueles que se deparam com uma clientela pobre e “sem educação”. Esse pensamento legitima a excludência e trabalha, portanto, para um público específico, reforçando a ideia de dons inatos e naturalizando a baixa performance escolar dos alunos de meios socioculturalmente desfavorecidos.

O *ethos* do aluno esperado pela escola é o do filho da família nuclear burguesa, que tem a mãe disponível para o acompanhamento escolar, que se preocupa com o bom rendimento escolar de seu filho e, significativamente, planeja junto ao

---

<sup>20</sup> Para uma análise da percepção dos professores sobre seus alunos nos estabelecimentos de ensino público na cidade de São Paulo, ver TORRES, H. et al. Educação na periferia de São Paulo: ou como pensar as desigualdades educacionais? In RIBEIRO e KAZTMAN (orgs.). **A cidade contra a escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro, FAPERJ, IPPESP, 2008.

marido a longevidade escolar de seu filho, com objetivos bem definidos para o destino da aquisição e acúmulo de capital cultural.

Os valores, as disposições e as estratégias adotadas pela família, portanto, são peças-chave no desempenho escolar dos filhos, fazendo-os, primeiramente, frequentar a escola ou não e, em um segundo momento, fazendo-os alcançar uma boa performance escolar.

Tem-se, nesse quadro, uma escola que espera alunos ideais e famílias que têm diferentes necessidades e prioridades e que adotam diferentes estratégias de vida em função de diferentes capitais culturais.

### **3.1 A Família e a Crise do Estado Providência**

Uma primeira consideração a ser feita parte do que um grande número de pessoas afirma, frequentemente, nos tempos atuais, que “família é uma instituição falida”, ou defendem a ideia de “crise da instituição familiar”. Os professores referem-se a “famílias desestruturadas”, em contraposição ao trinômio pai-mãe-filho(s), que imaginam ser o ideal de família, capaz de fornecer os subsídios culturais e materiais necessários a uma boa educação.

Segundo Martin (1995), não se trata da “crise da família”, mas do reflexo na família da crise do Estado Providência, através da retração do Estado de Bem-Estar Social, e da diminuição da proteção estatal aos indivíduos que necessitam de assistência. Na medida em que o Estado retrocede na oferta de serviços públicos, o mesmo aposta que a proteção seja executada pela família, aumentando as expectativas em relação a ela. Algumas responsabilidades, que poderiam ser enquadradas no rol de assistências sociais, ficam entregues nas mãos da família, ou, mais precisamente, na maioria das vezes, das pessoas do sexo feminino. A crise do Estado Providência fez ressurgir para os que estavam incluídos socialmente, mecanismos tradicionais de integração social, baseados na amizade e na obrigação mútua, cuidando dos que não podem trabalhar, como os idosos, os inválidos, os jovens que precisam de preparação para se inserirem no mercado de trabalho, os que não estão trabalhando, as crianças, entre outros. Sabe-se que no Brasil muitas famílias nunca chegaram a participar do

estado de bem-estar social da forma que se espera e que apenas recentemente o Brasil saiu do Mapa da Fome<sup>21</sup>.

A combinação de recursos<sup>22</sup> entre família e Estado, desse modo, se traduz em aumento da exploração do trabalho familiar, com destaque para o trabalho da mulher dentro da família. O argumento que sustenta que o recuo da oferta de serviços públicos poderia ser compensado pela proteção familiar põe a família no centro da crise do Estado-Providência.

Reconhecendo essa responsabilidade dada à instituição familiar, o Governo Federal criou, em 2004, um programa de transferência de renda e reforço ao acesso a direitos que beneficia famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, o Bolsa Família. Apesar de não ser suficiente para todas as necessidades, o programa tirou milhões de brasileiros da miséria e consiste em uma forma de colaboração entre Estado e famílias, na garantia de direitos básicos.

### **3.2 As Transformações da Família**

A fim de enfrentar desigualdades sociais e econômicas, as famílias mais pobres utilizam arranjos familiares que lhes dão alguma proteção. Tem-se, portanto, a crise não na existência da instituição familiar, mas na divisão de papéis e de responsabilidades, sendo, por esse lado, uma crise estrutural. A família, que idealmente é constituída por casa-casal-filhos, assume outras configurações frente a necessidades, como é comum tratando-se de pobreza urbana.

A crise da família está, no entanto, inserida nos contextos de precarização, impactando a divisão sexual do trabalho, intensificação do trabalho e subcontratações (HIRATA, 2011). As mulheres pobres são sobrecarregadas, por exemplo, tendo muitas vezes de executar diversas tarefas em dimensões diferentes, como arrumar a casa, cuidar das crianças e trabalhar, tendo relação com a crise de responsabilidade dos homens. Os avós também são sobrecarregados com o cuidar de crianças enquanto seus pais e mães trabalham ou usando a aposentadoria para sustentar a família.

---

<sup>21</sup> Fonte: FOA.

<sup>22</sup> O autor se refere a um novo modelo de solidariedade entre Estado, família, mercado e iniciativas privadas, beneficentes, associativas e não lucrativas, denominado welfare-mix (MARTIN, 1995, p. 55).

Uma outra perspectiva diz que a família ocidental vem sofrendo mutações desde meados do século XX, passando de unidade de produção para unidade de consumo (NOGUEIRA, 2005). Os filhos não são mais vistos como mais uma mão-de-obra disponível, que aumenta os recursos produtivos da família, mas estão mais relacionados a gastos e despesas, pois é de responsabilidade dos familiares garantir o sustento dos menores, permitindo que eles estudem no momento adequado.

A partir dos anos 1960, a infância ocupa um novo lugar, com a reconfiguração do lugar do filho, que se torna mais restrito à socialização da esfera doméstica (Ariès, 1978). As relações entre pais e filhos tornam-se mais afetivas, reconhecida a importância de se desenvolverem atividades em conjunto, de acompanhar os estudos, envolver-se e tentar dialogar ao invés de impôr (não que esse tipo de relação não existisse antes), e a família hierárquica vai abrindo espaço para a família igualitária, em um ambiente mais democrático, quando o respeito passa a ser uma categoria que se estende a todos os membros da família e a criança é reconhecida como indivíduo. O aumento da responsabilidade parental faz com que os pais comecem a enxergar nos filhos um símbolo de êxito pessoal, em que a trajetória do filho passa a ser vista como reflexo do bom desempenho dos pais (NOGUEIRA, 2005).

Além disso, houve mudanças demográficas e sócio econômicas no interior das famílias, como o aumento das pessoas idosas (relacionado à longevidade), e ainda a precarização do trabalho e o desemprego (sinais da reestruturação produtiva), que causam uma certa instabilidade aos laços familiares (MARTIN, 1995, p. 53-54), apesar de se manterem as trocas e as solidariedades entre os membros, como proteção contra os problemas sociais e dificuldades econômicas.

O que se constata, portanto, é que a família mudou, mas continua sendo importante no processo de produção e reprodução da vida, servindo como um escudo contra as dificuldades sócio econômicas, além de principal fonte de socialização primária, refutando, assim, as teses de crise da família, em que o individualismo auto suficiente seria a única saída do modelo de família nuclear burguesa, ao qual se refere mais contundentemente essa crise (GOLDANI, 1991). Pode-se observar um crescente número de divórcios, famílias monoparentais, mães solteiras chefes de família, uniões informais e mais instáveis, mas deve-se considerar que nem tudo isso se dá por conta de uma opção individual, sendo muitas vezes essas situações o desfecho de problemas que

a sociedade contemporânea vem enfrentando, como a falta de recursos materiais, que garantiriam o sustento da mulher casada, por exemplo, na família patriarcal burguesa. Hoje, muitas dessas mulheres que sustentam a casa sozinhas, além de tudo são responsáveis pelos serviços domésticos, dobrando a exploração do trabalho feminino.

### **3.3 Condições de Educabilidade**

Discutida essa primeira parte, que trata das mudanças ocorridas na estrutura familiar ao longo das últimas décadas, busca-se agora compreender com se dá a relação entre essas famílias, especificamente em um contexto de pobreza, de desvantagens sócio culturais, de segregação social e territorial, com a educação institucionalizada que acontece dentro da escola pública.

Algumas das questões importantes para que o processo de aprendizado obtenha êxito são destacadas aqui: a visão dos professores sobre os alunos, como a escola está preparada para recebê-los, como os alunos vêm a escola e o ensino formalizado, quais aptidões esperadas pela escola sobre os alunos ao ingressarem na instituição, qual o valor e quais estratégias a família adota à escolaridade dos filhos e, por último, qual a relação entre as necessidades materiais da família com a frequência e permanência dos filhos na escola.

Em uma leitura de Dubet e Martuccelli, López (2008) trata da noção de educabilidade, peça-chave nesta pesquisa, definindo-a como “a tensão entre os recursos que o estudante possui e os que a escola espera e exige dela” (p. 335). Isso significa que para se dar bem na escola, os educandos necessitam estar aptos para aprender o que ela tem a ensinar e se enquadrar naquilo que a escola está esperando encontrar. O conjunto de aptidões exigido pela escola só pode ser disponibilizado para a criança antes da entrada desta na escola, ou durante, no caso das crianças que ingressam muito cedo no universo escolar. Desse modo, os estudantes, para conseguirem acompanhar as atividades propostas pelos professores e se comportarem adequadamente dentro da sala de aula, devem estar previamente preparados pela família, criando um vínculo indispensável entre o que se aprende em casa e o que se espera na escola.

Assim, a escola espera que a criança e os adolescentes estejam em condições de educabilidade, que o trabalho pedagógico produzido esteja em

continuidade com o trabalho já realizado em casa. A ruptura no processo educacional, neste caso, prejudica ou dificulta o trabalho do professor, que está preparado para trabalhar com pessoas com valores, comportamentos e práticas específicas, pertencentes ao aluno “ideal” para o qual foi preparado para lecionar. Trata-se, portanto, de uma continuidade ou descontinuidade entre a educação familiar e a educação escolar, ou, em termos bourdieusianos, da transmissão doméstica de capital cultural e do capital escolar. Esta relação, inclusive, é um dos temas que adquirem grande importância na obra de Bourdieu, como destaca Nogueira e Nogueira (2006, pp. 60-61):

Cabe, desde já, observar que, do ponto de vista de Bourdieu, o capital cultural constitui (sobretudo, na sua forma incorporada), o elemento da herança familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar. A Sociologia da Educação de Bourdieu se notabiliza, justamente, pela diminuição que promove do peso do fator econômico, comparativamente ao cultural, na explicação das desigualdades escolares.

Em primeiro lugar, a posse de capital cultural favoreceria o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e dos códigos (intelectuais, lingüísticos, disciplinares) que a escola veicula e sanciona. Os esquemas mentais (as maneiras de pensar o mundo), a relação com o saber, as referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (a “cultura culta” ou a “alta cultura”), e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitariam o aprendizado escolar tendo em vista que funcionariam como elementos de preparação e de rentabilização da ação pedagógica, possibilitando o desencadeamento de relações íntimas entre o mundo familiar e a cultura escolar.

A cultura escolar, desse modo, aproxima-se mais de determinada cultura, uma cultura que prepara seus filhos com os códigos lingüísticos e com os conhecimentos legitimados pela educação formal e que depende do dispêndio de tempo necessário para a aquisição do conjunto de disposições exigido pela escola. Essa aquisição se dá por meio do tempo real de interação da criança com seus adultos de referência, o tempo de permanência em locais propícios para essa aquisição, exposição a bens culturais (López, 2008), sendo o tipo e composição de capital definidores das trajetórias escolares.

Bourdieu divide em três modos<sup>23</sup> a aquisição de capital cultural, sendo a transmissão doméstica de capital cultural uma aquisição no estado incorporado (2003). A incorporação de capital cultural requer um trabalho de inculcação, assimilação e tempo para ser investido pela própria pessoa, sendo, portanto, um trabalho pessoal, que não se pode adquirir por meio de compra ou doação, nem instantaneamente, mas por meio de um tempo de socialização, que se dá desde a origem nas famílias com forte capital cultural acumulado. Esta forma, segundo Bourdieu, é a forma mais dissimulada da transmissão hereditária do capital, sendo encoberta pelo o que se pode chamar de dons inatos.

Preparada, portanto, para que apenas alguns educandos obtenham o êxito esperado, de acordo com um determinado tipo de educação familiar precedente, a escola assume o caráter de seletiva, em relação aos resultados educacionais de seus alunos, mesmo enquanto se propõe universal, estendendo o número de vagas, e neutra, na medida em que discursa tratar todos de maneira igual. Nesse sentido, Bourdieu aponta que a igualdade formal da instituição escolar mascara as diferenças reais de ensino e cultura transmitida ou exigida (2003, p. 53). Dessa forma, as disparidades existentes fora do ambiente escolar são perpetuadas pela instituição, na medida em que trata todos como iguais, privilegiando quem já foi previamente preparado para o ensino escolar e produzindo um grande número de fracassados, aqueles que não acompanham adequadamente os ritmos e os conteúdos na sala de aula.

Os perdedores do sistema escolar são, assim, como resultado de uma tentativa sem sucesso, estigmatizados e culpabilizados pelo seu próprio fracasso, quando estes se deparam com políticas econômicas e sociais que aprofundam as desigualdades e acentuam a fragmentação social (López, 2008). Para que tenham mais chances de sucesso, o contexto social deve estar favorável, com condições mínimas de bem-estar, além de certo grau de estabilidade que permita que a trajetória seja planejada. Observa-se, no entanto, que em famílias mais desfavorecidas sócio-culturalmente, a instabilidade é muito freqüente, pois liga-se ao trabalho precário, sem garantias, ou à desocupação, que limita as possibilidades de se traçar um plano para o futuro.

---

<sup>23</sup> Para a compreensão das diferentes maneiras de aquisição de capital cultural, ver BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.



Além disso, existem novas formas de pobreza ligadas à fragilização do tecido social, que acabam por reforçar as formas tradicionais de pobreza urbana. O número significativo de famílias monoparentais dentre as famílias mais pobres está relacionado ao empobrecimento dos lares que sustentam os filhos dos pais separados, além do fato de que é geralmente a mãe que fica com os filhos, tendo que encarar a realidade econômica com a própria força de trabalho, às vezes encontrando desemprego, às vezes não podendo contar com a responsabilidade financeira do pai, às vezes não recebendo ajuda alguma dos parentes. Martin (1995) coloca que o apoio relacional é mais escasso para as famílias que mais precisam dele, ou seja, quanto mais pobre uma família menos ajuda dos parentes ela tem (apoio financeiro, cuidar das crianças, etc.), sendo este apoio concedido mais facilmente àqueles que têm chances reais de ascensão social. Todos esses fatores combinados são uma bomba de precariedade social, econômica e cultural.

Diante de toda essa situação desfavorável, a escolarização se torna muito complicada, sendo nos meios mais críticos o lugar onde se encontram a concentração de analfabetismo, reprovação, evasão e outros problemas escolares, como salientou Zago (2000).

Desse modo, torna-se evidente que outras dimensões da vida, como trabalho e a rede de relações sociais, devam ser levados em conta ao se estudar a realidade escolar. Também há de se colocar que além dos fatores macro sociais, que podem agrupar os indivíduos ou as famílias segundo a estratificação social, segundo a classe, como fez Bourdieu, deve-se também analisar as micro relações, que fazem cada indivíduo ter a sua própria e única trajetória de vida, numa combinação de fatores psicológicos, culturais, sociais e históricos.

Assim, apesar de se reconhecer a grande incidência de dificuldades escolares nas escolas públicas de periferia no Estado de São Paulo, por exemplo, também se deve atentar ao fato de que cada família adota uma estratégia específica para lidar com as questões educacionais, sendo elas mais ou menos rentáveis no âmbito escolar ou no mercado de diplomas. A grande diferença entre as famílias de estratos baixos e médios da sociedade, colocada por Zago (2000), está no fato de que as crianças e os adolescentes de estratos médios têm seu dia organizado em torno das atividades escolares, sendo esta a principal atividade que podem ter, obtendo acompanhamento nos

deveres de casa, além de outras atividades extraclasse, que reforçam e valorizam o currículo escolar, incluindo o fato de que o círculo de relações sociais do qual faz parte uma família de classe média cria muito mais oportunidades de valorização e aproveitamento desse currículo. Por isso, uma criança ou um adolescente imersos na instabilidade econômica e social, às vezes parte integrante da renda familiar, ou que cuida de seus irmãos e arruma a casa enquanto a mãe está trabalhando, muitas vezes não consegue nem fazer suas atividades “para casa”, seja por falta de um espaço para a concentração, ou por falta de tempo, por falta de costume interno à família, pela pressão que a sociedade exerce sobre eles, ou pela recusa à escola, sintoma diagnosticado por Zago, em um pesquisa feita em Florianópolis entre 1991 e 1998, que revela uma relação ambígua com o sistema escolar.

Por um lado, as famílias e os próprios alunos ou ex-alunos reconhecem a importância social do certificado escolar, mas por outro, existe o comportamento anti-escola, em que o aluno “cabula” aula, não obedece às ordens dos docentes, ou deixa de freqüentar a escola, relação com a instituição geralmente estabelecida em famílias com histórico de fracasso escolar.

Não se pretende, neste trabalho, estabelecer uma relação determinista entre a situação socioeconômica das famílias e os resultados escolares dos filhos, mas, como indicou Zago, há um quadro social bastante complexo para a situação escolar diante da vulnerabilidade material e social.

A pouca escolarização dos chefes de família os leva a aceitar trabalhos de baixa remuneração, impossibilitando-os de subir degraus na escala sócio-econômica. Isso reflete na situação de seus filhos, que também se inserem na linha de pobreza. Torres (2005) aponta para a existência de um círculo que se perpetua e se reproduz, utilizando o termo “transmissão intergeracional de pobreza e baixa escolaridade”, que significa que filhos de pais pobres com baixa escolaridade provavelmente também serão pobres e com pouca escolarização, o que também não pode ter o caráter determinista, mas é válido por conta da grande probabilidade de que isso aconteça.

Percebe-se, portanto, que famílias que encontram dificuldades em estabelecer metas educacionais para seus filhos, ou que se arranjam de outra maneira que não como a família burguesa moderna, são tidas pela escola como “desestruturadas” ou como “inefcazes” quanto à escolarização de seus filhos, pela quais são

responsabilizadas. López (2008) aponta um “desajuste institucional”, definido como a “distribuição inadequada das responsabilidades entre as diferentes instituições comprometidas nesse processo, ou da dificuldade delas de enfrentar suas obrigações”, transformando o problema em algo relacional e não só de culpa da família. Ao mesmo tempo em que algumas famílias não preparam seus filhos como a escola espera, a escola não está apta para receber os alunos como eles são, impondo normas, valores e comportamentos nem sempre bem recebidos por eles. Há um descompasso entre a proposta educacional e as características dos alunos, podendo-se traduzir a relação entre o professor e o aluno como sendo entre duas instituições, a escola e a família, uma relação institucional, portanto.

É possível complementar a análise levantando os principais aspectos da mudança na relação de solidariedade entre família e escola. Como pontuou Nogueira (2005), essa relação sofreu algumas metamorfoses, configurada por três processos: processo de aproximação, que revela o aumento da participação dos pais na escola, como presença em reuniões de pais, festas, eventos, maior comunicação por agenda, bilhetes, através dos próprios filhos; o segundo é o processo de individualização, que se dá por meio da acentuação das interações entre pais e educadores e o terceiro processo é o de redefinição de papéis, em que o trabalho educativo é dividido em duas partes, com a escola exercendo algumas responsabilidades de socialização que antes eram exclusivas da família, ligados a aspectos corporais, morais e emocionais e com a família intervindo no plano pedagógico, como a proposta de ensino e disciplina.

Existem, nesse amplo quadro de socialização, famílias e escolas que andam conjuntamente, em que as propostas educacionais se complementam, mas também existem aquelas famílias que transmitem a seus filhos outros valores, comportamentos e práticas que não as esperadas pela escola, que universaliza o ensino, tratando todos de maneira igual, por isso, privilegiando os mais previamente preparados.

Pode-se, nessa temática, investigar quais são as estratégias educacionais intrafamiliares, que propulsionam a longevidade educacional de seus filhos e quais são as experiências cotidianas que enfraquecem a solidariedade familiar e escolar.

No caso dos estudantes da 3ª série do Ensino Médio, avalia-se, além da visão que os pais têm sobre as experiências escolares de seus filhos, o que sabem sobre

o momento atual de término da obrigatoriedade dos estudos e sobre a entrada em novos desafios de escolarização e trabalho.

## **CAPÍTULO IV.**

### **TRAJETÓRIAS ESCOLARES: NARRATIVAS E PERSPECTIVAS**

Inseridos na compreensão do Ensino Médio estão os valores e os sentidos atribuído pelos usuários do sistema público de educação no Estado de São Paulo.

Buscando conhecer esses usuários e suas perspectivas, esse capítulo relata o resultado de uma pesquisa sobre o sentido da escolarização, que utilizou de abordagens quantitativas e qualitativas, através das técnicas do questionário e da entrevista, respectivamente.

Os dados coletados para essa pesquisa contemplam a definição de sentido contida no texto de Spink:

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com situações e fenômenos a sua volta (2004, p. 41).

O questionário, aplicado aos alunos do 3ºA e 3ºB presentes nos dias de aplicação procura apreender um panorama sócio cultural dos estudantes e de seus pais.

As entrevistas os localizam no espaço interno e externo da escola, procurando identificar o comportamento e aproveitamento do adolescente na escola, as trajetórias e as projeções de futuro, segundo a visão dos estudantes e de suas mães.

#### **4.1 Sobre a Pesquisa**

O questionário contou com a participação de dois terços dos estudantes, acompanhando o fluxo rotineiro de alunos na escola. Os estudantes presentes deixaram sempre uma questão ou outra em branco, diminuindo o universo em quase todos os itens.

Foram entrevistados doze alunos da 3ª série do Ensino Médio, nos anos de 2013 e 2014, duas mães em 2013, uma mãe e uma avó em 2014. Os estudantes

colaboraram inicialmente, mas houve barreiras para a concretização da pesquisa nos domicílios, porque ou o próprio estudante ou alguém de sua família não atendia de imediato o telefone em várias tentativas de ligação para o número fornecido. Em um dos casos, a estudante se desentendeu com os pais durante a pesquisa e saiu de casa; outros desmarcaram a visita, alegando falta de tempo da mãe para a realização da pesquisa em várias tentativas de remarcação do encontro. Dessa forma, todas as famílias entrevistadas são de estudantes considerados “bons alunos” pela escola, que, com facilidade e rapidez, marcaram nosso encontro com a mãe ou com a avó.

#### **4.2 Breve Perfil dos Estudantes da 3ª Série do Ensino Médio da Escola Prof. Gastão Ramos**

Os dados apresentados referem-se ao questionário, aplicado aos estudantes presentes no dia de sua aplicação e pertencentes às turmas 3ºA e 3ºB.

A pesquisa realizada em 2014, contou com um total de 36 alunos, sendo 19 do sexo masculino e 17 do feminino. Os dados estão expostos de acordo com o preenchimento do formulário, com base na autopercepção dos estudantes.

Em relação ao local de nascimento, 32 responderam e 4 deixaram em branco. Desses, 11 declararam ter nascido em Osasco – SP, 8 são de Estados do Nordeste (Maranhão, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Piauí), 1 de Minas Gerais, 1 do Paraná e 12 de outras cidades do Estado de São Paulo, como Suzano, Cotia e São Paulo.

Dos 33 estudantes que responderam à questão sobre o local de residência, 20 declararam nunca terem morado em outro estado brasileiro e 12 sempre moraram no mesmo bairro.

Diante da questão sobre cor e etnia, os estudantes manifestaram-se da seguinte maneira: 5 se autodenominaram morenos, 13 brancos, 8 pardos, 1 indígena, 1 negro e 8 não responderam a essa questão.

Ao quesito religião, são, segundo eles, 6 cristãos, 8 evangélicos, 7 católicos, 1 testemunha de Jeová, 1 umbandista, 1 budista, 1 jahbless, 2 disseram não possuir e 9 não responderam.

Em relação à escolaridade das mães, 24 estudantes responderam, sendo que 6 assinalaram ter estudado até a quarta série do Ensino Fundamental, 4 até a sétima

série, 4 concluíram o Ensino Fundamental, 2 possuem o Ensino Médio incompleto e 1 possui o Ensino Superior.

A escolaridade dos pais, respondida por 23 estudantes, se configurou com 6 pais que cursaram até a quarta série, 3 até a sétima, 1 possui o Ensino Fundamental completo, 5 o Ensino Médio incompleto, 6 o Ensino Médio completo e 1 nunca estudou. Treze questionários não continham essa resposta.

Levando em conta o local de nascimento das mães, 3 são de Osasco, 10 nasceram em outras cidades do Estado de São Paulo, 3 no Paraná e 14 em Estados do Nordeste. Doze estudantes não responderam. Para os pais, 1 de Osasco, 5 em outras cidades do Estado, 3 no Paraná, 1 é de Minas Gerais, 13 são do Nordeste e 13 não responderam. As cidades do Estado de São Paulo das quais vieram pais e mães dos estudantes avaliados são Cubatão, Santos, Suzano e a Capital. Os Estados do Nordeste são Piauí, Pernambuco, Bahia, Paraíba e Alagoas.

Quinze adolescentes declararam estar trabalhando atualmente, 9 já trabalharam mas não estão trabalhando, 11 nunca trabalharam e 1 não respondeu.

Em relação à formação extracurricular, 13 nunca fizeram cursos fora da escola, 15 fizeram curso de informática, 6 na área administrativa, 4 de inglês, 1 de auxiliar de escritório, 1 de propaganda e marketing, 1 de departamento pessoal e 1 de gestão financeira.

Quando perguntados sobre a renda, 23 estudantes responderam, sendo a renda per capita dividida da seguinte maneira: 3 domicílios em que moram os estudantes possuem a renda per capita de até duzentos reais; em 10 domicílios a renda per capita é de duzentos e um a quinhentos reais; 5 domicílios possuem renda per capita entre 501 e 1000 reais e apenas um estudante declarou fazer parte de um domicílio com renda per capita maior que mil reais.

Quanto ao número de pessoas por domicílio, dos 34 estudantes que responderam, 1 mora em duas pessoas, quatro moram em 3 pessoas, treze moram em cinco pessoas, seis moram em seis pessoas e três moram em sete pessoas.

Todos os estudantes sempre estiveram no ensino público, exceto três que foram matriculados em pré-escolas particulares.

## 5.2 Entrevista com Jaqueline

Jaqueline tem 16 anos e estuda na E. E. Gastão Ramos desde a oitava série. Estudou em quatro ou cinco escolas, não se lembra direito. Já se mudou diversas vezes com sua mãe, e, de acordo com ela, morou na divisa de Vargem Grande com Ibiúna, Rochdalle (Osasco), Jandira e Helena Maria (Osasco). Atualmente, Jaqueline mora, segundo ela, um pouco longe da escola, no bairro Jardim Santa Rita, onde tem uma subida e por isso vai de perua escolar. Para a estudante, o bairro é bom, “legal” e menos violento que outros em que já morou. No entanto, é um bairro com poucos estabelecimentos comerciais, tendo apenas um mercadinho, uma lojinha e um hortifruit. Jaqueline mora em uma casa pequena, com um quarto, cozinha, sala e banheiro. No quarto dormem a mãe, a avó, o avô o tio e ela. O lugar onde moram pertence à tia e é alugada por seus avós. É o apartamento térreo de um predinho de dois andares. O primeiro andar está sendo reformado para a prima morar com seu futuro esposo e no segundo mora a tia.

Ao relatar as diversas mudanças pelas quais passou, Jaqueline deixou quase para o final da entrevista revelar que nascera na Bahia e que morou lá até os onze anos. A mãe de Jaqueline nasceu em Osasco e morou no bairro Baronesa até os 23 anos em uma casa alugada com seus pais, até decidirem voltar para a Bahia, perto dos parentes, em busca de melhores condições de vida. Quando nova, teve que parar de estudar enquanto cursava a sétima série, por conta do nascimento de sua sobrinha, de quem cuidava durante a jornada de trabalho da tia de Jaqueline. A mãe de Jaqueline era a única da família que não trabalhava fora enquanto moravam no Baronesa, sendo então responsável por cuidar da casa. Logo que chegaram na Bahia, começou a trabalhar como empregada doméstica e cursou o restante da Educação Básica no ensino supletivo. Aos 26 anos, engravidou de Jaqueline, que foi criada com a ausência da figura paterna.

Devido a dificuldades que continuaram passando em Barreiras - BA, a mãe de Jaqueline decidiu há cinco anos, em 2009, voltar para São Paulo, desta vez indo morar em Ibiúna, no pesqueiro administrado por sua irmã. Aí moraram no Rochdalle, depois em Jandira e há quase três anos moram no Jardim Santa Rita, embaixo da casa da outra irmã, com seus pais, que também voltaram para Osasco depois de um tempo.

A mãe de Jaqueline trabalha há dois anos como passadeira Jr., na Lapa, com registro na carteira de trabalho, arrematando a roupa, tirando as linhas que sobram e



fazendo casinhas para botões em um atelier de costura. Aprendeu o serviço com seus patrões em seu antigo emprego de doméstica na Bahia. O dinheiro que a mãe de Jaqueline recebe como pagamento é destinado às despesas das duas, pois os gastos com a casa são pagos pelos avós e o tio de Jaqueline, os três aposentados.

Por causa do longo período em que passa entre o trabalho e o trânsito, saindo às cinco e meia e chegando em casa às dezoito horas, a mãe de Jaqueline não tem muito a dizer sobre o bairro em que mora, por ela pouco transitado. Sabe que ali perto existem muitas fábricas, firmas e casas como a dela, que já existiam quando chegaram lá. Ela conta que há uma favela ali perto, não tem farmácia e o posto de saúde fica no bairro da escola, vinte minutos a pé, partindo de casa. Além da Escola Estadual Gastão Ramos, há por ali uma EMEI e mais nenhuma outra escola. Há no bairro alguns botecos, algumas igrejas evangélicas e uma católica.

Perto de onde moram existem linhas de ônibus para a Lapa, que a mãe de Jaqueline utiliza para ir para o trabalho, e para a Barra Funda. Mais adiante é possível pegar ônibus em direção a Alphaville, Pinheiros e Vila Yara. Quando precisam ir até um centro comercial, vão sempre para Osasco, principalmente ao Osasco Plaza Shopping e ao Shopping União.

Na visão de Jaqueline, o bairro da escola é mais perigoso que o seu, pois dizem que lá “roubam bastante” e afirma não o conhecer direito.

Jaqueline nunca trabalhou, mas ajuda limpando a casa e às vezes faz comida. A mãe de Jaqueline não quer que ela trabalhe por enquanto e prefere que ela estude bastante para se formar, ter uma profissão, para não passar pelo que ela passa, trabalhando muito, mas fala que Jaqueline deseja trabalhar e vem comentando sobre empregos como operadora de telemarketing que, segundo a mãe, trata-se de um trabalho bem cansativo e estressante. Assim, se arrumar, que seja por meio período, permitindo que Jaqueline dê continuidade aos estudos, mesmo depois que terminar a escola.

Em algumas tardes em dias de semana, Jaqueline vai para o curso de inglês, na Logus, escola em que fizera um curso de informática. Sua mãe diz ter vontade de fazer o curso de inglês também, porque este dura apenas três anos e ela não tem muito tempo para estudar, pois além do trabalho, ainda vão as duas para Ibiúna em muitos finais de semana ajudar a tia no pesqueiro. De vez em quando, Jaqueline usa o domingo

para ir ao cinema com as “coleguinhas”. Fora isso, recebe a visita de uma amiga sua da escola, que mora ali por perto e também costuma ficar bastante dentro de sua casa. Jaqueline não costuma sair à noite pois ela e a mãe têm medo, principalmente depois que Jaqueline teve seu celular roubado em uma das únicas vezes que saiu para passear à noite, para ir à festa na boate Lumen, no centro de Osasco, que comemorou a formatura dela e de seus colegas da terceira série do Ensino Médio. O roubo do celular de Jaqueline faz sua mãe acordar de manhã para ir à escola, na ausência do aparelho despertador.

Durante seus dezesseis anos de vida, Jaqueline, na verdade, passara por oito escolas públicas, sendo três em Barreiras, uma em Ibiúna, uma em Jandira e três em Osasco. Segundo sua mãe, esse fator não impediu que Jaqueline estudasse e, assim, nunca apresentou dificuldades na aprendizagem, sendo sempre uma ótima aluna, elogiada por seus professores. A mãe também considera que Jaqueline seja uma ótima filha.

Jaqueline faz todas as lições de casa. Na maior parte das vezes, Jaqueline as faz na sala de aula, com a justificativa de que, por causa do curso, não lhe sobra muito tempo para fazer em casa. Mas quando é feita em casa, os espaços utilizados são a sala ou a cozinha. A casa é tranquila para Jaqueline fazer as tarefas porque a vó idosa, o vô e o tio doentes tomando remédio, passam a maior parte do dia dormindo. Quando precisa, sua mãe a ajuda na lição de casa com o que sabe.

Jaqueline estuda para que em uma determinada altura da vida possa ser alguém, ter uma profissão fixa, que seja de seu gosto, não só para ganhar dinheiro. Além de estudar, ela vai para a escola no intuito de encontrar os amigos. O que ela menos gosta na escola é dos bagunceiros, principalmente da sala ao lado, uma “oitava série”, que acabam atrapalhando sua aula.

A escola é considerada por Jaqueline um lugar tranquilo, “legal”, bom de se estudar, com gente educada, apesar de ouvir pessoas que falam que a escola é ruim. Os professores são bons, interagem, facilitam a linguagem, demonstram domínio sobre os assuntos propostos e ajudam a entender o conteúdo das matérias. Existe, no entanto, o problema da falta do professor, gerando muita aula vaga, às vezes três aulas vagas por dia. Para passar o tempo vago na escola, Jaqueline gosta de escutar música e copiar letras de músicas no caderno, mas como está sem celular, que a permitia fazer isso, a

menina conversa com seus colegas. Jaqueline conhece, segundo ela, bastante gente na escola, de séries diferentes.

Quando perguntada sobre a direção da escola, Jaqueline considera a diretora muito rígida, porque um dia foi lá para falar alguma coisa e “a mulher foi mó ignorante”. Não sabe se ela continua assim pois nunca mais foi até a sala da direção.

Jaqueline vai todos os dias para a escola. A mãe de Jaqueline classifica a escola como boa, apesar do ensino público “não ser aquelas coisas”; pelo menos o que eles ensinam, sua filha aprende. A mãe diz que quem faz a escola é o aluno e que mesmo que haja pessoas mal intencionadas na porta, ela confia em Jaqueline e na criação que deu a ela, sempre conversando, nunca brigando. Para ela, não adianta tirar uma nota altíssima e não saber de nada, e prioriza assim o conhecimento, a aprendizagem. Sua mãe não perde uma reunião.

Jaqueline inscreveu-se no Enem e sua mãe a vê estudando, mas não vai se inscrever em nenhum vestibular esse ano. Ao invés disso, prestou o exame de bolsa do Cursinho Evolução e pensa em fazer outros cursinhos antes de entrar na faculdade, segundo ela, para especializar-se primeiro. Pensa em fazer cursinho no ano que vem para ajudar na decisão de que carreira seguir, pois pensa em cursar veterinária, na USP, ma, apesar de ter dó dos cachorrinhos, tem “estômago fraco” e, portanto, queria ver primeiro como funciona.

Jaqueline imagina que daqui a dois anos já tenha uma profissão, fazendo o que gosta, ajudando a família, a mãe, a vó, os tios e deseja ter uma casa. Em dez anos, seu desejo é de ter a sua própria família.

O que a mãe espera de Jaqueline é que ela seja uma pessoa boa, responsável, como já tem ensinado a ela. Daqui a dez anos, a mãe diz ter certeza de que Jaqueline estará vivendo bem.

### **5.3 Entrevista com Bruno**

Bruno tem 17 anos e considera-se pardo. Mora com a mãe, o pai e duas irmãs mais novas. A casa de Bruno sempre esteve em construção, mas agora está em fase de acabamento. Sua casa fica um pouco afastada da escola e Bruno e suas irmãs

sempre utilizaram o transporte coletivo, perua escolar, a “van”<sup>24</sup>. Alguns amigos da escola também moram na Biquinha, uma pequena vila do bairro Jardim Santa Fé, que fica perto da Rodovia Anhanguera. Lá, as ruas não são pavimentadas e o caminho para ir para a escola por dentro do bairro é cercado por áreas verdes e casas em pequenas ruas. Há partes de estrada de terra sem casas do lado. De acordo com Bruno, é um bairro “bem silvestre”. Ele o descreve tendo bastante árvores, ruas de terra, iluminação e asfalto apenas em algumas ruas. Nas casas há energia elétrica, assim como água encanada. O problema mais urgente dos moradores tem sido em relação à pavimentação das ruas. Alegam pagar impostos e não terem esse direito alcançado. Por isso já tiraram fotos, levaram até a prefeitura e já fizeram abaixo-assinado. O que foi feito até agora pela prefeitura foi espalhar cascalhos em algumas pistas, o que atenuou um pouco os efeitos de dirigir e caminhar no bairro.

Para a mãe de Bruno, o bairro é bem tranquilo de se morar. A maioria das pessoas chegou à mesma época e estão crescendo juntos. Existem moradores mais antigos nos terrenos mais altos, que estão lá há trinta, quarenta anos. Ela considera a vizinhança como uma grande família, em que todos se conhecem e se cumprimentam.

Eles moram ali há onze anos, desde que começaram a construir. O pai do Bruno conseguiu este lote como pagamento de um projeto que fez para um amigo<sup>25</sup>. Antes disso, eles moraram na casa da avó materna, desde quando seus pais se juntaram até Bruno cursar toda a pré-escola.

Quando se conheceram, a mãe de Bruno era analista química e o pai trabalhava na área de projetos em uma mesma empresa de alimentos, a antiga Gini, no Km. 18 da Anhanguera.

Os dois eram estudiosos, a mãe havia se matriculado no colégio Mário de Andrade na Lapa e o esposo estava na Faculdade de Arquitetura da UNG, em Guarulhos. No entanto, abandonaram os estudos por causa do uso de cocaína. Em meio à drogadição, Bruno foi concebido. Ela diz que usou ainda na gravidez, tomando

---

<sup>24</sup> A perua escolar é pública na escola municipal em questão. Para ir para a escola estadual, a família de Bruno utiliza transporte pago a particular.

<sup>25</sup> A história é que esse amigo havia comprado o terreno para construir e morar com sua noiva, que não aceitou a localização, dizendo que lá é distante de tudo.

cuidados para que o bebê não passasse fome no ventre. Depois de um tempo, os dois pararam de usar drogas e se converteram na Assembléia de Deus na Baronesa, próximo à casa da vó.

Para a mãe, ter entrado para a igreja foi o fator mais importante para o sucesso de sua família. Por toda a conversa, fez referências religiosas. Ela acredita ter encontrado o equilíbrio emocional, psicológico e financeiro através da presença de Deus nas suas vidas. A igreja também os teria ensinado a disciplinar as crianças com tranquilidade, sem sufocar, posto que além da preocupação espiritual, uma prioridade para eles é a questão educacional.

A mãe nunca mais estudou, mas tem vontade de estudar Teologia no Colégio Batista, assim como um amigo seu da igreja que se formou há pouco tempo e também porque dá palestras na igreja. O pai voltou para a faculdade que havia trancado, recebeu até desconto pelo reconhecimento de bom aluno que fora e hoje já está formado. Agora, cuidam de perto do processo educacional de seus filhos, tentando garantir que alcancem o sucesso na formação e, conseqüentemente, sejam ótimos em suas profissões.

O que a igreja também fez foi aproximar os filhos com os instrumentos musicais, por conta de seu forte departamento de Música e da escola de música, tendo influenciado a carreira que Bruno escolheu seguir. Bruno toca flauta transversal na orquestra da igreja.

A mãe apoia sua decisão, porque acredita que não importa o que você escolher, vai dar certo se for feito com o coração e que não se pode desistir dos sonhos; é preciso correr atrás. Cita os exemplos da casa própria, que está quase pronta e de seu desejo de dirigir e a recente conquista da carta de motorista.

A mãe de Bruno sempre valorizou sua história e reconhece todo o trabalho que tiveram para construir cada cômodo tirando fotos de cada etapa. Pretende fazer um mural para colocar na entrada para que seus filhos entendam que “a única coisa que cai do céu é chuva, raio e trovão”.

Bruno estudou a vida inteira em escola pública em Osasco, desde a pré-escola no Helena Maria, enquanto moravam no Munhoz Jr. Depois, estudou a primeira série no Gastão, a terceira e a quarta séries na EMEF Maria José Ferreira Ferraz, e

voltou para a Gastão Ramos e nunca mais saiu. Uma das irmãs também estuda na Gastão e a outra assim que sair da EMEF vai pra lá.

Segundo a mãe, Bruno não deu trabalho na escola, pelo contrário, sempre representou orgulho. Ela foi a todas as reuniões de pais e uma das primeiras a serem dispensadas por não ter muito o que conversar com os professores e a partir da quarta série sempre ouviu elogios e palavras de incentivo. Relata que uma vez ela e o esposo foram chamados na escola para serem homenageados pelo destaque de Bruno como bom aluno. Bruno é considerado assim um excelente filho e um excelente aluno.

Bruno gosta de ir à escola por dois motivos: quando criança, a única distração dele era ir à escola e, com o tempo, foi percebendo o valor da educação para se alcançar o sucesso, estabilidade financeira e cultura.

Bruno segue, então, uma rotina repleta de atividades. De manhã, a mãe acorda todos para irem à escola. A perua os leva. Meio-dia e vinte, ao término da aula, Bruno toma um ônibus e trem para chegar até o Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, para chegar às 14h na aula de música. Não lhe sobra tempo nem para almoçar. Às seis horas deixa o conservatório e parte para o curso pré-vestibular Anglo, no centro de Osasco, em que é bolsista através de uma prova feita na escola Gastão Ramos, estudando lá das sete à meia-noite.

Ele sente a necessidade de fazer curso pré-vestibular, pois considera o ensino da escola pública muito fraco, em relação ao que exige o prosseguimento dos estudos e o mercado de trabalho, mas encontra adversidades para conciliar os elementos que considera importantes para sua formação. A principal barreira que enfrenta é a distância. Argumenta que os estudantes alemães não passam por esse problema, pois têm todas as aulas, básicas e especializadas, na mesma unidade de ensino e não demandam atravessar as cidades por meio de transporte público, dificultando até fazer as refeições.

Dessa forma, o que Bruno mais gosta na escola é a vivência, pois estuda o que gosta na escola de música e o que precisa no Anglo.

Fez duras críticas ao sistema público de ensino e suas deficiências. Diz que o Ensino Médio o “jogou pra baixo”. Assim, Bruno não faz todas as lições de casa sugeridas pelos professores da Gastão, depois de um dia cansativo, com três turnos,

percorrendo longas distâncias, opta por dormir ao invés de fazer as lições. Para ele, a escola pública não está cumprindo o seu papel original, porque segue um padrão antigo e precário. Bruno não culpa os professores, mas coloca que as falhas ocorrem porque o sistema os obriga a seguir um esquema de estudo que vem do Governo, que é fraco para qualquer meio de trabalho ou universidade. A escola passaria somente a base para se apresentar em uma entrevista de emprego, mas não um verdadeiro conhecimento. Para ele, isso é possível de sentir quando se vai ao mundo, como em uma entrevista de emprego, ou uma prova para entrar na universidade, ou estudar em outro lugar, como está fazendo no cursinho pré-vestibular. Chegou a dizer que, às vezes, o que se aprende em uma aula no cursinho, se demora três meses na escola.

O primeiro problema apontado por Bruno é em relação ao currículo, materializado no Caderno do Aluno, que carrega a informação “aos picados”, de forma vaga, mecânica, que não incentiva à interpretação de texto e a resolução de problemas. Aponta para o fato de que os livros didáticos que recebem na escola têm muito mais conteúdo mas pouco ou nada são usados, por conta da pressão do Governo para a utilização dos Cadernos do Aluno. Diz que o “caderninho”, como o chamam, “não é nem um livro de anotações”, comparado a um livro didático. Na sua visão, quando um professor não utiliza o caderninho, a aula rende mais. Bruno acha mesmo que o Brasil esteja crescendo no nível financeiro, mas cresce muito pouco na área de educação.

O estudante acredita que a escola tem muito a ensinar, englobando diversos mundos, como o esportivo, o de convivência, o estudantil, existe uma biblioteca, a sala de vídeo etc. Mas pensa que os espaços na escola são mal utilizados e mal pensados. Por exemplo, poderia haver um programa que disponibilizasse os livros utilizados para estudar para o vestibular da Fuvest. Uma outra observação feita por Bruno é de que mesmo que tivessem livros na escola, a maioria dos alunos não possui o hábito de ler literaturas mais densas, como seria o caso dos livros da FUVEST. Haveria de ter aulas mais reforçadas, em que os alunos fossem mais “sugados”.

Outro grande problema é a quantidade de aulas vagas que é, sem dúvida, além de uma perda de conteúdo, uma perda de tempo. Relata quase não ter tido aula de química na escola, porque a professora, dentro da lei, conseguia ano após ano faltar o máximo nas aulas e ir apenas alguns dias, explicando a matéria rapidamente e passando

trabalhos para a avaliação. Às vezes, Bruno estuda durante a aula vaga, agora que está em época de vestibulares, mas gosta de conversar com seus colegas no pátio também.

Mesmo diante dos obstáculos, a mãe do Bruno prefere salientar o lado positivo que é a formação do Bruno pela escola. Ela entregou um menino, a escola lhe devolveu um homem. Ela reconhece a escola como o carro-chefe dos moradores da região. Exalta sua preocupação em ter matriculado o Bruno em uma escola em que pudesse ter como colegas os moradores próximos, uma turma de ir para a escola. Para ela não havia possibilidade de colocar em escola particular e escolheu ir para esse lado, porque do outro, onde tem uma escola já em São Paulo, no quilômetro vinte e dois da Anhanguera, seria mais difícil o transporte. Por causa do acesso, a mãe pode conhecer melhor as inspetoras de alunos, a diretora, os professores de seus filhos. Ela afirma sempre estar presente em todas as reuniões, feiras culturais, apresentações e ia à Escola da Família, quando tinha. Também a mãe vai buscar de carro a filha mais nova no judô, na própria escola em que estuda. Acompanha de perto, conversa com as pessoas na escola. Indigna-se com as poucas atitudes tomadas pela direção em relação a algumas práticas de alunos, como jogar cadeiras e carteiras, pegar o material do professor e jogar no pátio, pixar, quebrar janelas e lâmpadas. Poucas vezes ouviu falar de ronda escolar e acha que a escola procura manter a segurança através de inspetor na entrada, grades e portas sempre fechadas.

O problema da administração pública é colocado da seguinte maneira pela mãe:

A educação vem apresentando muitas deficiências, poderíamos estar melhor, poderíamos ser um país melhor, poderíamos ter jovens mais bem preparados, você vê a reportagem, o que eles estão fazendo, estão trazendo médicos de fora, você vai em construção civil, tem um monte de engenheiro de fora. Mas os nossos filhos, os nossos alunos, os nossos jovens, eles mesmos não estão tendo oportunidade, porque a verba está sendo desviada pro luxo dos políticos. Os filhos dos políticos têm oportunidade de estudar lá fora, eles não precisam se preocupar com isso, com a educação aqui nossa. Mas se nós formos nos apegar a isso, nos deprimimos, nos conformamos, ah, assim tá bom. Então cada família tem que lutar por si, e falar: não filho, vai em frente, mas que tem bastante deficiências,



nós percebemos isso, principalmente nós que temos filhos estudando, eu te disse. O descaso está tão aparente, está aí pra todo mundo ver, então é só Deus pra nos fortalecer. Mas deixa os políticos de lado de lá, e a gente vai tentando, lutando pelos nossos filhos, dando ao menos o mínimo, para que eles possam vencer e terem uma formação.

O apoio que a mãe dá é essencial para que os filhos estudem com tranquilidade. Para ela, a casa é uma empresa e ela é responsável pela administração. Organiza a casa, a rotina escolar, de alimentação, marca reuniões familiares, administra o pagamento das contas. Faz visitas à escola, vistoria os cadernos, comparece em todas as reuniões de pais e mestres. Sabe o que os filhos gostam, o que querem. Pergunta para o filho se é esse mesmo o caminho que quer seguir, e se for, deseja que Deus abençoe.

Quando há uma adversidade no trabalho do pai do Bruno, ele liga pra casa e sua família se reúne e faz uma oração.

De acordo com seu relato, procura sempre saber se o orçamento pode atender aos pedidos das crianças, um celular de presente, por exemplo, sentando com o pai para discutir o momento da possibilidade.

A mãe controla os conteúdos assistidos por todos na televisão.

Outra questão que as famílias estão perdendo, é fazer pelo menos uma refeição. Se não dá pra todas as refeições, almoço, café, jantar, mas trabalho pelo menos uma refeição todos na mesa, pra trocar ideias, conversar um pouco, falar um pouco um com o outro, precisa de um ouvir o outro, ou o filho ouvir o pai, ou a mãe, ou os pais ouvir o filho, final de semana também, o que eu quero dizer, nunca virar o prato pra frente da televisão, na frente da televisão é um lazer, você pode curitr, é uma pipoca, pronto, o prato de comida é na mesa. Porque a televisão também, né? Ta na hora de ter uma peneira, porque nem tudo que tá passando lá nossos filhos podem ver, nós mesmos não podemos ver tudo o que passa, e eles principalmente, porque a mídia tá tentando colocar na cabeça deles algo que não é bom, letra de músicas, dança, moda, e eu não tenho preconceito, eu não sou contra homossexualismo, eu não sou contra nada disso, mas você pega uma novela da globo, eles estão querendo colocar dentro do lar da família brasileira o seguinte: olha nós somos a nova família que

está chegando, e não existe isso, qual é a nova família que eles estão querendo incutir dentro da nossa família? é o homossexual, é o adultério, é a separação, ah, casal separado, não tem problema, com filho, tudo tem, eu tenho amigos que se separaram, infelizmente, continuam sendo meus amigos, continuo amando eles, são meus amigos, mas nós temos que fazer o possível pra lutar contra essa questão. Eles mostram aquelas modelos riquíssimas, que casam no sábado e separam no domingo, eles querem colocar na cabeça dos nossos filhos que isso é natural, não tem problema, isso não é natural, eles querem colocar na cabeça de minha filha, que vamos supor, lógico, eu vou tratar com respeito, somos todos seres humanos, mas se eu chego na reunião do meu filho, tem um casal de pai homossexual, não venha me falar que aquela criança não vai sofrer preconceito dentro da escola, porque ela vai, mas as pessoas estão querendo pintar um mundo diferente, eles falam tanto sobre psicologia, eu não sou contra homossexualismo, de jeito nenhum, se morar um homossexual aqui do lado da minha casa, eu vou tratar com respeito, com dignidade e vou falar pros meus filhos, não desrespeite ele, não deboche dele, mas a televisão quer trazer de forma diferente. As novelas querem desestruturá-los. Não, vamos fazer uma bagunça no meio familiar e está tudo certo, não tem problema, vamos agora pegar uma menina de 12, 13 anos, colocam um shortinho bem curto, um salto, um batom, e vamos mandar elas pra balada, eu sou contra, sou mãe de duas meninas, elas falaram assim pra mim: mãe, você autoriza a gente a passar uma base, um batom rosinha, não tem problema, filha, mas eu não vou autorizar cores dominantes, eu não vou autorizar roupas sensuais, uma menininha de doze anos vestida como uma de dezoito, mas aí vai passar uma pessoa mais velha e vai desejar aquela menina, mas aí por que? Porque a menina, a mídia tá tentando colocar isso dentro da nossa casa, e a gente tem que lutar contra isso, então eu penso assim, pelo menos uma refeição tem que ser feita na mesa, na sala. Onde tenha uma televisão, seja o que for, em relação à tecnologia, internet, tem que ter uma peneira. A internet também tem que ser uma questão controlada, hoje crianças de oito, nove anos ficam à vontade, ficam na madrugada, assistem pornografias, como é que fica a mente dessa criança? Como que você vai trabalhar tudo isso? Aí depois pai e mãe se desespera, pergunta aonde eu errei,

nossos filhos eles nunca serão perfeitos, como nós não somos também, mas o que nós pudermos fazer, então por isso que eu digo, o meu lar é um lugar abençoado, mas eu procuro ver também como uma empresa, porque lá na empresa você quer fazer o melhor, aí lá em casa, vamos empurrando com a barriga, não, você tem que fazer o melhor, ainda mais porque é a sua casa.

A mãe procura conhecer os colegas dos filhos na escola, saber seus nomes.

A mãe e o pai ajudam como podem, mas seus filhos geralmente fazem as lições sozinhos. Nos últimos anos, eles sentiram a necessidade, principalmente do Bruno, e compraram um computador e assinaram a internet. Existe um cômodo com livros, mas o pai está construindo uma estante mais adequada. O lugar reservado para o estudo é o escritório.

A mãe conhece todas as provas e etapas por quais seus passam os filhos. Ela sabe das dificuldades enfrentadas por Bruno nessa fase pré-vestibular. Conhece em detalhes os problemas da escola, como as aulas vagas e a qualidade do ensino.

Bruno prestou a prova da primeira fase da FUVEST e está na espera para saber se foi aprovado. Ele escolheu o curso de música. Estudou intensamente por todo esse ano, tanto os conteúdos gerais das provas, da educação básica e nas aulas de música, todos os dias da semana e aos finais de semana geralmente.

Ele é muito dedicado e gostaria de ingressar na USP, uma universidade pública. Para Bruno, entrar na faculdade não deveria ser tão difícil e ser reconhecido esse direito. Enxerga uma contradição no público ser o melhor e a prova a mais difícil. Todos deveriam ter a possibilidade de ir para a faculdade pública com boa qualidade.

O estudante faz uma crítica ao PROUNI: em relação à qualidade das faculdades particulares que participam do programa. Questiona o fato de que ao invés de se melhorar o ensino de nível médio, o governo optou pelo sistema de cotas para acessar o Ensino Superior. Cita o exemplo dos EUA, em que não existe vestibular, mas se você for bem no Ensino Médio, a Harvard te convida para uma entrevista mandando uma carta.

Para ele, o Enem deveria ser reformulado, pois sempre tem algum problema relacionado a questões, correção, até roubo de gabarito. Fora isso, Bruno teve uma experiência nada agradável no sábado da realização do Exame. Ao preencher as informações do candidato, na hora da inscrição, Bruno assinalou ter prática religiosa aos sábados, mas não ficou explícito para ele que aquele campo estava destinado à denominação adventista, que guarda o sábado para a atividade religiosa. O resultado foi que não só Bruno, mas alguns candidatos, que chegaram às duas da tarde, ficaram esperando até sete horas da noite para começar a fazer a prova, sem sair, sem comer, sem usar o celular. Ou seja, fizeram a prova com condições físicas e psicológicas ruins. Além disso, Bruno, que estudou muito para o Enem, disse que teve a sensação de que eles não estão testando o conhecimento que você possui, que você adquiriu estudando, mas testando a esperteza, porque eles colocam um texto enorme na questão, mas que necessariamente não tem a ver diretamente com a resolução.

Para a mãe, o Enem e seus benefícios dariam “a sensação de que é algo a mais que o Governo inventou prá de certa forma querer passar um pouco de mel na boca dos menos privilegiados”.

Além de tentar entrar na faculdade, Bruno pratica música constantemente, principalmente tocando flauta transversal, seja na Escola Municipal de São Paulo, seja na orquestra da igreja, ou estudando na igreja e em casa e como professor na escola de música da igreja. Ele afirma que o que faz de você um profissional é o conhecimento e não o acúmulo de títulos.

Bruno ajuda um pouco financeiramente em casa com o dinheiro que recebe, mas sempre auxiliou nos afazeres domésticos e na construção da casa.

A música, para Bruno, fez parte de seu trajeto e faz parte das projeções de vida. Já durante o Ensino Médio teve que escolher entre fazer um curso no SENAI, estudar para ser engenheiro ou músico.

Na área da música é possível exercer diversas atividades, conhecidas por Bruno. Pode-se tocar em orquestras, bandas, montar grupos, dar aulas, trabalhar em estúdio, como musicólogo, estudioso de músicos, estudioso de música, de estilos musicais, escritor.

No ano que vem, Bruno, que esteve focado na teoria, pretende desenvolver a prática, procurando tocar em grupos e orquestras em que possa ganhar dinheiro. Se não passar no vestibular, não vai ficar triste, vai continuar tentando até chegar o momento certo.

Daqui a dois anos, já quer estar no segundo ano da faculdade, empregado, com uma renda boa, bem estruturado e talvez estudar no exterior.

Daqui a dez anos, pretende estar totalmente estruturado financeiramente, com casa, trabalhando, talvez com alguém, mas sem filhos.

#### **4.5 Entrevista com Matheus**

Matheus tem 17 anos e se considera branco. Estuda na Escola Estadual Professor Gastão Ramos desde o primeiro ano do Ensino Médio. Antes, Matheus estudava mais perto de casa, precisava apenas andar uma subida, para ir até a EMEIEF Élio Aparecido da Silva, e na E. E. Doutor Aureliano Leite, na Avenida Alberto Jackson Byington, só basta descer a rua. Para chegar até Gastão Ramos, o estudante toma um ônibus nessa Avenida.

A vó de Matheus foi quem concedeu a entrevista. Houve a preferência por entrevistar as mães, mas nesse caso só se conseguiu marcar com a vó. De acordo com ela, que tem 72 anos, Matheus não ia muito bem na escola quando era mais novo, na primeira, segunda e terceira séries do Fundamental, mas que agora melhorou bastante, não é preguiçoso para fazer o dever de casa, faz tudo certinho.

Matheus sempre morou no mesmo lugar, na Vila Menk, com sua vó, sua mãe, um tio e duas irmãs gêmeas três anos mais velhas que ele.

Considera morar em um bairro tranquilo, calmo e gostoso, que não tem muito verde, com bastante casas. A sua rua é íngreme. Por ali existem comércios, mercado, padaria, posto de gasolina, Lan House, banca de jornal. A vó também considera que o bairro seja tranquilo, que se pode andar sossegado, tem tudo pertinho, até lotérica.

Considera o bairro mais seguro que o centro de Osasco, visto que outro dia uma de suas netas presenciou um assalto no centro e que onde moram nunca lhes aconteceu nada.

O bairro da escola para Matheus tem muito verde, pouco mercado e mais área industrial. Matheus não tem colegas de escola que moram perto de sua casa ou no mesmo bairro. A maioria de seus colegas mora nos bairros mais próximos à escola, dificultando amizade com eles.

A casa de Matheus é térrea, não é um sobrado. Tem sete cômodos, dois quartos, duas cozinhas, uma sala, um quartinho para o computador. É própria, tem fornecimento de luz, água, mas não tem rede de esgoto na rua, apenas fossa. Tem internet, televisão e TV a cabo. A mãe de Matheus está tocando uma obra no andar de cima, para uma casa separada para ela e seus filhos, com um quarto para cada um, com cinco cômodos no total. As meninas ajudam um pouco com dinheiro de seus salários, mas quem gasta mesmo é a mãe comprando à prestação e fazendo empréstimo no banco, em três anos de construção, que está quase acabada.

A mãe de Matheus trabalha como caixa de posto de gasolina em um bairro próximo. O pai é sócio de uma empresa de motoboy. A mãe e o pai estudaram até terminar o Ensino Médio.

O pai de Matheus, que também é pai de suas irmãs, apesar de morar perto, nunca lhes deu assistência, não deu presentes, não levou para passear e visita os filhos só de vez em quando. Os raros momentos em que se encontram não são gastos com conversas sérias, como a escolarização.

Matheus não sabe se seu pai ainda pretende estudar e acha que sua mãe quer estudar Administração e abrir o próprio negócio.

A mãe de Matheus engravidou de suas irmãs aos dezoito anos e morou com o pai por dois meses. Depois disso, sempre moraram com a vó, que sempre cuidou das crianças, inclusive as alfabetizou.

A avó de Matheus é natural de Campos Novos Paulista, interior do Estado de São Paulo. Veio para a capital aos vinte e dois anos, aproximadamente, juntamente com a irmã, em busca de melhores condições de vida. A irmã acabou voltando para o interior enquanto ela trabalhou em casa de família e depois na Siemens do Brasil por sete anos e parou de trabalhar quando teve filhos. Teve três.

Seu marido era motorista, trabalhava com vários tipos de transporte, de caminhão e de ônibus. Quando se casaram, foram morar em uma casa no Mutinga, mas resolveram se mudar por medo de uma vizinha que cozinhava plantas em fogueiras e que eventualmente poderia vir a jogar água quente nas crianças que brincavam no quintal. Moram, então, na Vila Menk há mais de trinta anos.

Quando criança, a mãe de Matheus estudou na EMEIEF Élio Aparecido da Silva, a mesma em que estudaram seus filhos quando crianças. Os tios de Matheus também iam para a escola. Os dois mais velhos, um tio e a mãe, gostavam de ir à escola, conforme relato da avó. Eles pediam pra ficar na escola, chegando até a mãe de Matheus pedir pra ir à escola mesmo com a perna quebrada. O mais novo, por outro lado, não gostava e não queria ir de jeito nenhum. A mãe de Matheus deseja ir para a faculdade, mas ainda não deu por causa do trabalho e das crianças, segundo a vó. Nenhum dos filhos da avó de Matheus fez faculdade.

A vó de Matheus estudou até o primeiro ano e apenas seis meses no segundo ano do primário, porque a madrasta era muito ruim e a fez sair da escola para cuidar do filho dela. Apesar disso, diz que aprendeu bem, graças a Deus, porque naquela época eles ensinavam muito bem.

As irmãs de Matheus são as primeiras na família a ir para a faculdade, uma na Uninove e a outra na Unifieo. Elas trabalham e pagam a faculdade. Uma delas sai por volta das seis horas da manhã e retorna lá para meia-noite.

A vó observa Matheus estudar na sala, no netbook. Matheus não sai quase de casa, fica arrumando as coisas dele.

Matheus disse que à tarde geralmente entra no Facebook, fica na Internet, depois estuda um pouquinho, lê alguma coisa, às vezes sai para ali perto, mas à noite costuma ficar em casa. Aos finais de semana, vai para a casa do namorado.

Matheus acorda sozinho para ir à escola, com a ajuda do despertador e desde a quinta série vai sozinho.

A perspectiva de Matheus sobre a escola em que estuda é a seguinte: para ele, a escola é grande, possui várias salas, é um lugar gostoso onde todo mundo se conhece, é legal, alguns professores são muito bons e legais, outros são chatos, alguns

não ensinam direito. A direção é boa, a diretora é chata, as coordenadoras são “da hora”. Segundo ele, tem aulas práticas, quando envolve a discussão dos conteúdos, e tem exercícios, às vezes debate. O conteúdo é bom.

Matheus gosta de ir pra escola e acredita ser para adquirir conhecimento que vai usar mais à frente. O que ele mais gosta na escola é da matéria de biologia, tanto da aula quanto do estilo da professora de dar aula. O que menos gosta é de Educação Física, considerando-a desnecessária.

Vai todos os dias para a escola, exceto quando vai a alguma consulta médica, como dentista, ou para ir ao oculista. Só cabulou<sup>26</sup> aula durante a primeira série do EM.

Durante as aulas vagas, Matheus afirma que lê, principalmente romances. Só foi chamado na diretoria com seus familiares uma única vez, por causa de briga.

A vó acha que Gastão Ramos é a melhor escola da região, porque lá quem não sabe não passa de ano, diferente de outras escolas, em que se passa sem saber. Conta que uma vez, ao contestar na escola o porquê de ter ocorrido isso com uma das meninas, ouviu na escola que elas foram promovidas porque é lei. Na época dela, recorda a vó, as escolas eram boas e ensinavam bem mesmo.

A avó também considera a escola Gastão Ramos uma escola boa, porque lá o Matheus se dá bem com os outros, conhece todo mundo, as professoras gostam dele, ele gosta das professoras. Ela sempre vai às reuniões.

Para a vó, o Matheus é esforçado. Ela sabe que ele se inscreveu no Enem, mas acha mesmo que precisa arrumar um emprego, porque “assim não dá, os filhos da gente têm que trabalhar logo, ter responsabilidade. Ele tem que trabalhar logo, não vejo a hora dele arrumar logo”, afirma a vó. Há um emprego em vista, no Wall Mart do Shopping Tamboré, em Barueri. Fácil de ir, porque o ônibus passa na avenida ali perto.

Matheus trabalhou apenas uma vez em uma editora gráfica, que fabrica livros, no começo deste ano, quando teve que estudar no período noturno e

---

<sup>26</sup> Cabular é fugir da escola ou da sala de aula durante a aula, gazar, matar aula.



consequentemente mudar para a Aureliano antes de retornar para a Gastão. Sua vó não vê problema nenhum nele mudar novamente de escola, caso arrume emprego.

Por enquanto, Matheus diz que ajuda em casa lavando a louça, arrumando a cama, fazendo comida quando a vó não está. Faz tudo, menos lavar roupa.

Ao final do Ensino Médio, Matheus pensa em fazer faculdade. Tem em mente estudar Engenharia Ambiental. Ele gostaria de ingressar na Anhembí-Morumbi, em que existe até um programa de bolsas parciais adquiridas através de uma prova, o Top 50. Ele também pretende tentar o vestibular da UNIFIEO. Escolheu essa área porque quer trabalhar como analista de riscos ambientais, verificando os riscos de uma construção, atuar “no campo e não dentro de um lugar”.

Daqui a dois anos, Matheus se imagina cursando a faculdade, que já esteja em um estágio e que tenha comprado pelo menos uma moto.

Daqui a dez anos, imagina-se formado, com emprego, que já tenha casa e carro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos problemas colocados nos capítulos anteriores, tem-se que é preciso modificar o olhar unívoco que se tem do jovem e entender o processo educativo como fazendo parte da sociedade. Há muitas variáveis em questão, começando pela consideração do que é ser jovem no meio urbano no Brasil.

Os jovens estão em busca, os jovens desejam, rebelam-se, inventam, transgridem.

Os jovens brincam, conversam, gostam de falar, de ouvir música, de desenhar, de jogar video game.

Os jovens sabem fazer muitas coisas com as quais poderiam ganhar dinheiro se criassem estratégias e tivessem estruturas necessárias.

Os jovens também são pais e mães, irmãos que cuidam dos mais novos, ou foram cuidados por irmãos mais velhos, ou por avós, tias, primas, pela creche, pela mãe, pelo pai, pelos pais.

Os jovens estão conectados pelas redes sociais na Internet e possuem facilidades para lidar com as novas tecnologias.

Os jovens trabalham em subempregos, que não exigem grandes qualificações, e não dão muitas garantias nem são bem remunerados.

Os jovens carregam marcas em si que foram feitas pela família e pela escola, que devem ser organizadas ao término dos estudos obrigatórios, colocando em prática ações planejadas de acordo com a perspectiva em que se encontra no espaço social, no conjunto das diretrizes dos diferentes campos de atuação, no caso, no campo das relações domésticas e de parentesco e no campo escolar, mas também no processo produtivo e no bairro.

O jovem está sendo tolhido em sua impetuosidade, está sendo controlado, dilacerando-se e enquadrando-se no sistema, como no clipe de Another Brick in the Wall, do Pink Floyd.

Por outro lado, as estratégias criadas pelos jovens para lidar com o término da educação básica e a preparação para a vida adulta variam em tipo e nitidez, ou seja,

em tipo porque os jovens podem levar vidas totalmente diferentes uns dos outros, mais próximos ou mais afastados do ideal de projeto de vida prestigiado pela sociedade, por terem diferentes responsabilidades e criarem as estratégias de formação, produção e sobrevivência que lhe forem convenientes ou possíveis no campo de visão, e de nitidez por causa da presença e ausência de clareza e definição nas tomadas de decisão.

Bruno criou muitas expectativas em relação à sua formação e isso claramente relaciona-se com o modo como foi criado por sua família, com suas próprias responsabilidades, e pela disciplina aprendida com a vida religiosa que leva. A mãe de Bruno coloca-se à disposição para administrar a casa, cuidando do ambiente doméstico e do bem-estar físico, psicológico e social dos filhos. Não está limitada apenas ao desejo que seu filho se dê bem, ela realmente investe tempo de interação, pergunta, conhece, acompanha, orienta, para que Bruno se comporte da maneira esperada pela escola.

O que o estudo pode mostrar é que apesar de Jaqueline, Bruno e Matheus irem bem na escola, tirarem boas notas, não darem trabalho e partilharem o espaço educativo, a diferença não pode ser medida na avaliação do aprendizado de conteúdos no Ensino Médio, mas do uso que farão do que aprenderam na Educação Básica. Esse uso é muito influenciado pelo modo como a família encara o processo de escolarização, e pela estrutura familiar que facilita ou dificulta a continuação dos estudos.

As mulheres adultas das famílias dos estudantes entrevistados tiveram vida escolar interrompida e a vida no trabalho modificada por causa do cuidar de crianças. A mãe de Jaqueline parou de estudar muito nova para cuidar da sobrinha, fez supletivo e terminou o Ensino Médio, mas sempre trabalhou em empregos precários, enquanto Jaqueline era cuidada pela avó. A mãe de Bruno parou de trabalhar e de estudar durante o Ensino Médio quando engravidou, passando a dedicar-se exclusivamente ao cuidado da casa e dos filhos. A avó de Matheus saiu ainda criança da escola pra cuidar do irmão, deixou de trabalhar quando teve filhos, cuidou dos netos quando eram crianças e atualmente cuida da casa, enquanto sua filha, mãe de Matheus, que completou o Ensino Médio, trabalha.

Foram basicamente essas pessoas que falam desde que os estudantes nasceram o que é a escola, o que ela exige, para que ela prepara. Foi feita entrevista com doze alunos e a recorrência de motivo pelo qual eles falam do porque vão à escola é “para ser alguém na vida”. Ou seja, na visão de todos eles, o adolescente não é, ele

ainda vai ser alguém na vida. Isso significa que os requisitos para “ser alguém” estão ligados a um modo de ser considerado do mundo adulto bem sucedido, que envolvem, para eles, ter um bom emprego, casa, e em alguns casos, família.

Assim, a escolarização de nível médio conclui uma etapa de vida, que consiste em preparação, que mesmo que esta continue, agora seria o momento de lhe dar direção. Até a adolescência, os estudantes não estão muito preocupados em construir o seu futuro, estão apenas vivendo, obedecendo e transgredindo regras. Dali em diante, não existe mais a obrigatoriedade para os pais manterem os filhos matriculados, é preciso passar no vestibular para poder continuar estudando e arrumar um emprego para os gastos extras, como livros, mensalidade e transporte.

A visão dos estudantes sobre essa passagem, sobre essa transformação, os faz entender a finalidade e dar valor ao Ensino Médio de maneira diferenciada.

O nível de autonomia (assistida) dada ao Bruno, o faz privilegiar o que considera mais importante diante da superficialidade do conhecimento escolar e da ineficácia no cumprimento da finalidade educativa do Ensino Médio e o mais importante para ele é estudar onde realmente considera aprender algo útil, como no cursinho ou na escola de música. O desgaste na busca do ideal para Bruno se converte em enxergar a escolarização obrigatória como fraca, então colocada em segundo plano em suas prioridades. O estranhamento de Bruno em relação à escola Gastão Ramos, em sua saída pelo mundo, o fez dar-se conta da fragmentação do conhecimento que, na escola, além de parcial, muitas vezes é transformado em informação<sup>27</sup>, revelando a insuficiência do Estado em cumprir o que se propõe. Sendo as estratégias escolares preparadas com os códigos culturais e sociais partilhados pela família, a estrutura da instituição familiar facilita ou dificulta o aproveitamento escolar e influencia a projeção do futuro.

Assim, vê-se no caso dos estudantes entrevistados o impacto da ausência de responsabilidade paterna. Jaqueline nem chegou a conhecer o pai e sua mãe a sustentou desde que nasceu, trabalhando informalmente em emprego precário, de baixa remuneração e subemprego. Semelhante é o caso de Matheus, que apesar de conhecer o

---

<sup>27</sup> Como por exemplo, o professor manda o aluno copiar um texto, e não o explica, ou quando passa um trabalho de pesquisa e se contenta com a cópia de um material pronto em alguma página da internet.

pai, nunca teve assistência e, por isso, sua mãe também foi a responsável pelo sustento dos filhos. A família da mãe aparece como um suporte necessário nos dois casos, sendo em Jaqueline o apoio vindo, além dos avós, das tias e no caso de Matheus, somente da avó, através de moradia e cuidados.

Também existem as influências dos pares no espaço social. Ninguém foi ao Ensino Superior na família de Jaqueline, Matheus participa da primeira geração de ingressos e Bruno fará parte da segunda geração. Os familiares impactam as decisões dos adolescentes com o que conhecem a respeito do mundo do trabalho, do mundo universitário e pré-universitário, e pelo exemplo dos conhecidos que atingiram o nível superior de escolaridade, como o amigo da mãe de Bruno e o próprio pai de Bruno.

As famílias se diferenciam pelo apoio e incentivo dado aos adolescentes em relação a ir para a faculdade, atentando para os desejos dos jovens ou à ajuda que podem dar nas obrigações domésticas, cuidando de irmãos mais novos ou arcando com as despesas.

Mas quando os jovens vão em busca de emprego, encontram vagas de operador de telemarketing, como Jaqueline, um trabalho desgastante, segundo sua mãe, ou repositor de hipermercado, como Matheus, que exigem pouca qualificação e salário baixo. Bruno, vocacionado desde criança à música e teve oportunidade de conhecer e tocar instrumento, desenvolver conhecimento e performance e trabalha atualmente como professor de música.

O Ensino Médio público do Estado de São Paulo não oferece adequadamente os instrumentos necessários para que os estudantes desenvolvam sua cidadania com plenitude de seus direitos.

A educação precisa se voltar para enxergar o adolescente como ele é, o ele que deseja, o que faz, suas necessidades, condições de vida da sua família, de seu bairro, sua posição social; apresenta-lo às atividades produtivas mostrando as possibilidades de utilização dos conteúdos. Em fim, é preciso prepará-lo para a vida, dando condições para as suas escolhas e aptidões quer sejam artísticas, intelectuais, entre muitas outras.

A escola, para ser universal de verdade, não demanda apenas que se garanta a matrícula, mas em primeiro lugar, é preciso garantir que a aula aconteça e, em

segundo, mas não menos importante, garantir uma aula que esteja em conformidade com as demandas educativas dos jovens, entrando no campo dos direitos humanos na educação, em relação ao reconhecimento da origem social, condição econômico-cultural, comunidade e necessidades especiais e específicas.

No caso da escola Gastão Ramos, poderia haver uma integração efetiva organizada entre as empresas, indústrias e a escola, desenvolvendo parcerias com os moradores para a implementação de cursos de capacitação, financiamentos e patrocínios, fomentando o comércio local e solucionando problemas do bairro junto à prefeitura. As empresas juntamente com a escola poderiam ser uma fonte de integração entre trabalho e educação, contratando adolescentes, oferecendo treinamento, os incentivando a cursar o Ensino Superior. Para compensar o incômodo de estar perto de indústrias, estas também poderiam compensar modernizando o ambiente escolar e os aparatos tecnológicos, por exemplo.

É claro que o futuro pertence às novas gerações, mas para que possam atuar com firmeza, as crianças e adolescentes não podem estar alheios à realidade que os cerca, nos planos macro e microsocial. Os adultos responsáveis têm um papel muito importante nesse caminho, mostrando possibilidades, permitindo e ensinando.

Os professores devem sim se formar, mas o preço não pode ser a aula. Se o professor frequenta curso, como acontece com os professores do Estado em São Paulo, esse curso não pode atrapalhar o funcionamento da escola. É preciso criar mecanismos para garantir a formação continuada do corpo docente, que deve estar atento para as transformações sócio culturais, e para permitir o aproveitamento do tempo na escola, tendo em vista a melhoria da qualidade da educação e de condições de trabalho do professor.

A escola também pode se tornar um espaço acolhedor, buscando atender os interesses e as necessidades dos jovens estudantes, visto que a educação é no caso um serviço público. Algumas situações conflitantes poderiam ser resolvidas com diálogo, aberturas e criatividade. A escola deve ser o espaço para experimentações de técnicas e sensações, e pode utilizar vários meios de integrar a comunidade escolar e enriquecer os ambientes de aprendizado, como uma rádio feita por alunos, ou grafites feitos por alunos, inibindo a depredação.

A avaliação diagnóstica já recomendada pela SEE-SP poderia ter clareza na finalidade e seriedade de seus critérios e medidas. O professor que dá a mesma aula há muitos anos terá que se reciclar e alterar seus métodos de acordo com o tipo de aluno que possui, ao invés de manter-se indignado por não conseguir alcançar os objetivos adequadamente. Essas situações podem gerar um espaço desconfortável para o processo de ensino e aprendizagem.

A relação pedagógica passa sua eficiência pela confiança e pelo fortalecimento da afetividade entre professores e estudantes. Segundo Maturana & Dávila (2006), “o controle é a dinâmica relacional a partir da qual a pessoa, o outro e a outra surgem negados em suas capacidades e talentos, estreitando a visão, a inteligência e a criatividade, gerando uma dependência na qual não são possíveis a autonomia e o respeito por si mesmo”. É preciso amar para poder educar, proporcionar uma convivência democrática em um ambiente colaborativo e que permita a autonomia, a fim de desobjetificar o aluno e enxergar nele um estudante, que não só aprende, mas carrega consigo categorias de pensamento desenvolvidas nos processos anteriores e exteriores de socialização.

No entanto, a decadência das relações de confiança é uma realidade no mundo capitalista, como na análise sobre a corrosão do caráter de Richard Sennet (2005). Qualidades de caráter, que ligam os seres humanos entre si, como confiança, lealdade e compromisso mútuo são corroídas pelo capitalismo de curto prazo. A “força de laços fracos” desse capitalismo se expressa no ambiente escolar primeiramente entre professores e estudantes, mas também na divisão em categorias de professores, na rotatividade e instabilidade dos contratados, e entre professores e outros professores, entre corpo docente e pais. Em Sennet, na rotina de trabalho está inserido o tempo caótico, desorganizado por atividades sobrepostas, em que o desejo de satisfação e realização devem ser adiados. Este adiamento é interminável e as recompensas inalcançáveis. A rotina é assim degradante, “uma fonte de ignorância mental” (p. 49), limitando qualquer visão mais ampla de um futuro diferente. Tanto estudantes e professores sentem essa atmosfera no ambiente escolar. Os estudantes na quantidade de aulas vagas, na ausência de algum professor, às vezes muitos meses sem o professor de uma disciplina, pelo modo como são tratados por todos do corpo docente e como interagem entre si. Os professores sentem a precarização de seu trabalho, no baixo valor dado ao trabalho, na dificuldade em lidar com os estudantes mais arredios do que há

vinte anos, na divisão em categorias de professores, no curto tempo remunerado para preparação e avaliação de conteúdo da aula, na quantidade de aulas, turmas, alunos e escolas em que trabalham.

É urgente uma mudança institucional, que faça com que as finalidades do Ensino Médio estejam de acordo tanto com as demandas da sociedade em relação aos jovens, no que ele deseja fazer hoje e ser no amanhã.

Há muito o que se trabalhar para que haja coerência entre a proposta educativa e a sua execução, se é que seja de real interesse dos atuais governantes que as camadas populares se instruem.

No entanto, a sociedade civil detém armas para pressionar as autoridades para que mais do que cumpram o que prometeram, hajam efetivamente para promover o bem dos cidadãos nessa democracia representativa, aproveitando seu momento de crise.

Se isso não for feito, também assim as pessoas precisam desenvolver ideias para criar meios de conviver de maneira igualitária, fraterna e libertária em mais sentidos do que do mercado burguês.

Os jovens necessitam ter espaço para explorar seu protagonismo, pensar em saídas, testar modos de socialização, de produção, de organização.

O mundo hoje está no início de uma nova era habitada pela tecnologia digital, e para novos estilos de aprendizagem, novas formas de sociabilidade, que demandam uma nova pedagogia, que tenha algum significado real e efetivo, que envolva os estudantes potencializando suas habilidades, reconhecendo suas diferenças, otimizando o tempo da aula e o espaço da escola.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Família e da Criança**, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Reprodução Cultural e Reprodução Social: o papel do sistema de ensino na reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural, reprodução, reprodução cultural e reprodução social. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Paris, Minuit, 1979.

CARNEIRO, Lucianne. Taxa de desemprego entre jovens chega a 12,7% no mundo e deve permanecer alta até 2016. In **Jornal O Globo**. 22/05/2012. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/economia/taxa-de-desemprego-entre-jovens-chega-127-no-mundo-deve-permanecer-alta-ate-2016-4964023.html>

CENTRO PAULA SOUZA. Disponível em: [www.cpsetec.com.br](http://www.cpsetec.com.br)

FUNDAÇÃO SEADE. Disponível em: [www.seade.gov.br](http://www.seade.gov.br)

GOLDANI, Ana Maria. A “Crise familiar” no Brasil hoje. In: **Travessia**, jan-abr. 1991.

GOVERNO FEDERAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS. Disponível em: [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

LÓPEZ, N. A escola e o bairro. Reflexões sobre o caráter territorial dos processos educacionais nas cidades. In: RIBEIRO, L. C. Q.; KATZMAN, R. (orgs.). **A Cidade contra a Escola?: Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital: FAPERJ; Montevideu: Uruguai: IPPES, 2010.

MARQUES, Maria Ornélia. Os Jovens na Escola Noturna: uma nova presença. In: **Revista de Educação – CEAP**- Salvador, Ano 04, nº 1, junho 1996.

MARQUES, E. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo**. Tese de livre docência. São Paulo: USP, 2007.

MARTIN, Claude. Os limites da proteção da família: introdução a uma discussão sobre as novas formas de solidariedade na relação Família-Estado. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 42, maio de 1995.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/ interrogações sociológicas. **Análise Social vol. XL** (176), 2005, 563-578.

\_\_\_\_\_ e NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu e a Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PAULA, Nice de. OIT alerta para aumento do desemprego entre jovens no mundo. *In* **Jornal O Globo**. 08/05/2013. Disponível em: [Oglobo.globo.com/economia/OIT-alerta-para-aumento-do-desemprego-entre-jovens-no-mundo-8324147](http://oglobo.globo.com/economia/OIT-alerta-para-aumento-do-desemprego-entre-jovens-no-mundo-8324147)

PLANALTO. Políticas econômicas e sociais tiraram 36 milhões de brasileiros da miséria, afirma Dilma na ONU. 24/09/2014. Disponível em: [blog.planalto.gov.br/assunto/mapa-da-fome/](http://blog.planalto.gov.br/assunto/mapa-da-fome/)

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**. Trad. De Marcos Santaella. 10ª ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Editora Record, 2005.

SOARES, J. F.; ALVES, M. T. G. Efeito-escola e estratificação escolar: o impacto da composição de turmas por nível de habilidade dos alunos. In: **Edu. Rev.**n, nº 45, 2007.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Q et al (orgs) **Desigualdades Urbanas - Desigualdades Escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

\_\_\_\_\_ e KAZTMAN, Ruben. **A Cidade contra a Escola?: Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital: FAPERJ; Montevideu: Uruguai: IPPES, 2010.

SAMPAIO, Helena. O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações. *In* **Revista Ensino Superior Unicamp**, 14/10/2011. Disponível em: <http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/o-setor-privado-de-ensino-superior-no-brasil-continuidades-e-transformacoes>

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. Disponível em: [www.educacao.sp.gov.br](http://www.educacao.sp.gov.br)

SECRETARIA NACIONAL DE RENDA E CIDADANIA (SENARC). Bolsa Família. **Ministério do Desenvolvimento Social**. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>

SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TORRES, H, et. al. Educação e segregação social: explorando o efeito das relações de vizinhança. In: **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais**. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2005.

UOL NOTÍCIAS. Em dez anos, diminui o número de crianças e aumenta o de idosos no Brasil. **UOL Notícias**. São Paulo, 29/04/2011. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/29/populacao-adulta-foi-a-que-mais-cresceu-na-ultima-decada.htm>

ZAGO, N. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A. et al. (orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR GASTÃO RAMOS. Disponível em:  
<http://www.blogger.com/profile/02220187424463550588>

RIBEIRO, Antônio Sérgio. Sólon Bórges dos Reis: uma vida dedicada à Educação. *In* **PTB – Partido Trabalhista Brasileiro**. 2006. Disponível em:  
<http://www.ptb.org.br/?page=ConteudoPage&cod=1322>

ESTADÃO. A geração ‘nem-nem’. **Opinião**. Disponível em:  
<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,a-geracao-nem-nem-imp-,935944>

RIBEIRO, Monica Ribeiro e. Ocupação Esperança reforça segurança após ameaças de desconhecidos. *In* **Jornal GGN**. 05/11/2013. Disponível em:  
<http://jornalggn.com.br/noticia/ocupacao-esperanca-reforca-seguranca-apos-ameacas-de-desconhecidos#.Unj8anrDP5Q.facebook>

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. *In* **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. Spe 01, p. 15-22, 2011. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a02v24nspe1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a02v24nspe1.pdf)

## ANEXO

Mapa 1



Mapa 1 – Arredores da E. E. Professor Gastão Ramos

Fonte: Google Mapas e entrevistas.